Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Alexandre Florence Diegues

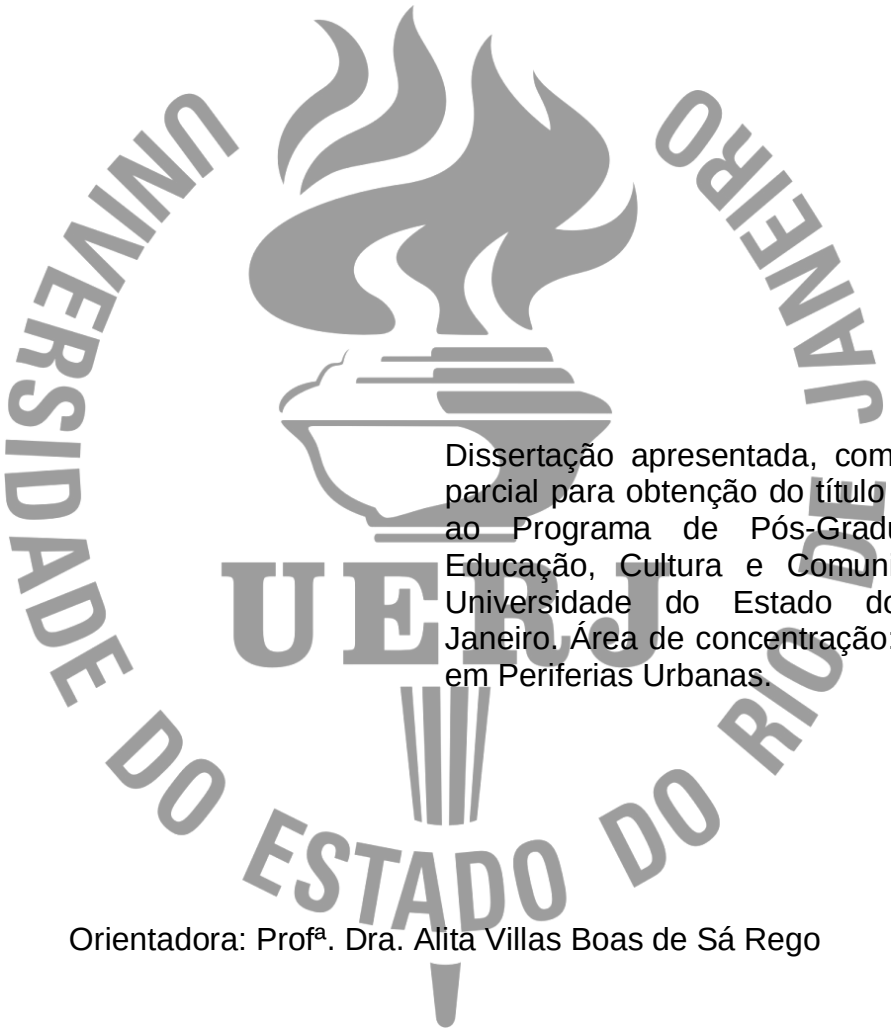
Estudo de caso: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência – Rio de Janeiro/2016

Duque de Caxias

2016

Alexandre Florence Diegues

Estudo de caso: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência – Rio de Janeiro/2016



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação em Periferias Urbanas.

Orientadora: Profª. Dra. Alita Villas Boas de Sá Rego

Duque de Caxias

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEHC

D559Diegues, Alexandre Florence
TeseEstudo de caso: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência – Rio de Janeiro/2016 / Alexandre Florence Diegues – 2016.
79f.

Orientador: Alita Villas Boas de Sá Rego.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Mídias sociais -Teses. 2. Movimentos sociais – Escolas – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. I. Sá Rego, Alita Villas Boas. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Alexandre Florence Diegues

Estudo de caso: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência – Rio de Janeiro/2016

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação em Periferias Urbanas.

Aprovada em 22 de setembro de 2016.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Alita Villas Boas de Sá Rego (Orientadora)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Leonel Azevedo de Aguiar
Pontifícia Universidade Católica

Duque de Caxias

2016

DEDICATÓRIA

Ao Pedro Brocca Diegues, meu amado filho que me motiva a aprender mais sobre a nova geração de estudantes do século XXI.

AGRADECIMENTOS

Manifesto meu profundo agradecimento à minha orientadora Profa. Dra. Alita Villas Boas de Sá Rego pelo imenso apoio acadêmico e incentivo, agradeço também ao meu pai Arivaldo Diegues e à minha irmã Ana Cristina Florence Diegues pelo apoio emocional. Ao Dr. André Souza Rego, pelo amparo psíquico; à minha ex-mulher Marizani Sá Brocca, pela garra; e às minhas amigas Jacqueline Sobral, Bianca Waruar Lobo e Monica Houri, pelas ajudas imprescindíveis nos momentos finais. Além das pessoas que me apoiaram na pesquisa, tais como o professor de Geografia Fernando Torres e a Coordenadora do Colégio Estadual Hugh Clarence Tucker, Isaura Araújo.

Lembrando hoje o que ontem lembrei, a coisa lembrada agora é diferente da lembrança antes. Cada dia é novo dia. Já não sou quem fui horas atrás. Meu *ser é devir.* Não sou nunca: eu me torno ao me aproximar de ser aquilo que nunca serei, pois, se vier a sê-lo, já estarei em trânsito para outro ser que ainda não sou nem serei, ao ser primeiro, sempre em trânsito. Inevitável.

Eu juro que entendo isso que eu estou dizendo: espero que vocês também, queridos leitores... Se não, me perdoem!

É complicado? Não é: leiam outra vez. Outra mais. Quem foi que leu essas três vezes? Você ainda é o mesmo de três leituras atrás? Impossível!

Augusto Boal

RESUMO

DIEGUES, Alexandre Florence. *Estudo de caso*: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência – Rio de Janeiro/2016. 2016. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A produção de subjetividade tem sido estudo de muitos trabalhos acadêmicos, e a emergência de subjetividades pós-mídia, com o uso das tecnologias digitais de comunicação, está ampliando esse campo de observação. Escolhemos a Escola Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker, localizada na Gamboa, para realizar uma investigação sobre a produção de subjetividade dos alunos do ensino médio por meio de práticas inventivas, as quais não obtiveram muito engajamento, mas devido à imediaticidade dos fatos com o movimento das ocupações em todo o Brasil, essa escola teve um papel fundamental na produção de uma narrativa coletiva em torno desse movimento de reivindicação da educação no estado do Rio de Janeiro. Com isso, nossa pesquisa se transformou em um estudo de caso com base em uma pesquisa etnográfica participativa cujo objetivo é investigar a materialização sob a forma de uma plataforma digital da narrativa coletiva transmídia sobre a ocupação da Escola Estadual Hugh Clarence Tucker/CAIC Tiradentes. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi analisar o processo de subjetivação dos alunos da escola ocupada. Como conclusão procurarei verificar a emergência de uma nova subjetividade produzida pela ocupação como uma forma de invenção do problema.

Palavras-chave: Produção de subjetividade. Tecnologias de informação e comunicação. Mídias sociais. Práticas inventivas. Ocupações de escolas. Educação pública.

ABSTRACT

DIEGUES, Alexandre Florence. *Case study*: social media and the production of subjectivity at a state school in Morro da Providência– Rio de Janeiro/2016. 2016. 79 p. Dissertation (Master in Education, Culture and Communication) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The production of subjectivity have been studied in many academic works, and the emergence of subjectivities "post-media era" with the use of digital technologies of communication, is expanding this field of view. I have chosen the high school *Escola Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker*, placed at Gamboa – R.J., to perform an investigation about the production of subjectivity of high school students by innovative practices, which did not get much engagement. However, due to the immediacy of the happenings with the occupies among Brazil, this school presented an important whole in the production of a collective narrative around this movement of claim on the education in Rio de JaneiroState. So that our research turned into a case study based on a participative ethnographic research, which aim was to investigate the materialization through a digital platform of transmedia story telling about the occupy of the *Escola Estadual Hugh Clarence Tucker/CAIC Tiradentes*. Therefore, the aim of the present work was analyze subjectivities process of the students of the occupied school. To conclude I intend to verify the emergence of a new subjectivity produced by the occupation as a way to invent the problem.

Keywords: Production of subjectivy. Digital Technologies of communication. Social Media. Inventive practices. Occupy. Public education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.	Página do Facebook da Ocupa CAIC Reverendo	40
Figura 2.	Sacada do Condomínio na Gamboa	63
Figura 3.	Dona Idea e estudante do Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker	63
Figura 4.	Prof. Fernando Torres e aluna do Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker	63
Figura 5.	Oficina de foto celular	64
Figura 6.	*Post* sobre o mutirão de limpeza na escola CAIC/Reverendo	65
Figura 7.	*Post* da foto com os alunos da ocupação e professores do curso pré-vestibular em frente à escola	66
Figura 8.	Alunos do CAIC/Reverendo em oficina com professores	66
Figura 9.	Alunos ocupam a rua na frente da SEEDUC, antes de invadirem o prédio público	68
Figura 10.	Alunos organizam protesto na SEEDUC	68
Figura 11.	Marca Plataforma Dito Popular	72

LISTA DE ABREVIATURAS

ANEEL – Assembleia Nacional dos Estudantes Livre
CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
ETECS – Escolas Técnicas
IDESP – Índice de Desenvolvimento da Educação
IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro
PM – Polícia Militar
SEEDUC – Secretaria Estadual de Educação
TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação
UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UNE – União Nacional dos Estudantes
UPP – Unidade de Polícia Pacificadora
VLT – Veículo Leve sobre Trilho

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	**REDE TEÓRICO-EMPÍRICA EM CONTEXTO PÓS-MÍDIA**	22
1.1	**Subjetividade**	22
1.2	**Multidão e multidões espertas**	24
1.3	**Narrativa transmídia**	26
1.4	**Política da multidão**	28
1.5	**Agenciamento coletivo e inteligência coletiva**	29
2	**CONTEXTUALIZANDO TERRITÓRIOS**	31
2.1	**O Morro da Providência**	31
2.1.1	Início da pesquisa: entrevista com o fotógrafo Maurício Hora	32
2.1.2	O perfil dos moradores	33
2.1.2.1	Entrevista com Dona Idea	34
2.1.3	Urbanização atual	35
2.2	**As escolas compartilhadas do Morro da Providência**	36
2.3	**A ocupação CAIC/Reverendo: uma descrição densa**	36
2.3.1	O papel dos professores	38
2.3.2	A dinâmica do funcionamento cotidiano	39
2.3.3	A tecnologia e a narrativa sobre a ocupação	40
2.3.4	O conhecimento dos alunos sobre o movimento	41
2.3.5	O papel do aluno	41
2.3.6	A carta anônima e o movimento de desocupação	42
2.3.7	As reivindicações	42
2.4	**A invasão da SEEDUC**	43
2.4.1	A desocupação da SEEDUC: ordem judicial	44
2.5	**Observação participante**	45
2.6	**A ocupação e a reformulação da pesquisa**	48
2.6.1	Conversa com Mateus	49
2.7	**Narrativas sobre a pesquisa e a ocupação**	50
2.7.1	Conversa com Pedro Oliveira	53
2.7.2	Entrevistas com os alunos Patrick de Luca e Lucas Henrique	53
2.7.3	Entrevista com Pedro Freire	55

2.8 **Perfil dos alunos** 56
3 **ESTUDO DE CASO: A OCUPAÇÃO** 58
3.1 **Subjetividade pós-mídia: o prosumidor** 58
3.1.1 As forças de controle 60
3.2 **Quebrar as palavras das narrativas** 61
3.3 **O que a ocupação nos mostra** 62
3.3.1 Linhas de subjetivação 69
3.3.2 Linhas de fuga 70
3.4 **A ocupação como uma subjetividade pós-mídia** 71
CONSIDERAÇÕES FINAIS 73
REFERÊNCIAS 77

INTRODUÇÃO

> Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta “o que você devem?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 8).

Esta pesquisa se reconhece como resultado do devir desejado e assumido ao longo de todo o processo, sobretudo, na medida em que havia *a priori* um planejamento, objetivos a serem atendidos e toda a sorte de exigências preestabelecidas pelos modelos amplamente adotados nas universidades, mas que foi absolutamente afetado e reconduzido e reconstruído e ressignificado pela consistência do real, principalmente no acontecimento das ocupações das escolas estaduais no Rio de Janeiro, que, então, nos fizeram, não abandonar o que era ou seria a pesquisa, mas deixar “surgir outra coisa”, o devir.

Se por um lado, a experiência de assumir o devir na pesquisa trouxe a possibilidade de olhar para o objeto com a complexidade demandada, devido principalmente à alta dinâmica dos processos envolvidos pelos acontecimentos históricos que percebemos estarem se delineando concomitantes à pesquisa, por outro lado, compreendíamos as dificuldades e riscos trazidos exatamente pelas mesmas razões.

Esses fatos históricos que foram irrompendo vigorosamente durante a pesquisa nos levaram ao encontro de uma categoria que nos iluminou o olhar e que nos pareceu pertinente tanto aos fatos em questão, quanto ao diálogo com as outras categorias trabalhadas ao longo da dissertação, qual seja, o de Acontecimento em Michel Foucault, mais especificamente em Arqueologia do saber. Lançamos mão das elucidações do próprio Foucault para essa tarefa de explicar os Acontecimentos Arqueológicos quando o autor faz a comparação entre a tradicional História das Ideias descrevendo-a como “gênese, continuidade, totalização: eis os grandes temas da história das ideias, através das quais ela se liga a uma certa forma, hoje tradicional de análise histórica” (2009, p. 156), mostrando que a Arqueologia “é precisamente o abandono da história das ideias, recusa sistemática de seus

postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram" (FOUCAULT, 2009, p. 156).

Foucault refere-se ao Acontecimento, portanto, como fato histórico novo ou relativo ao diferente e à não repetição, é passível de ser percebido dentro do método Arqueológico, que suspende e suspeita das continuidades que sempre remeteriam ao mesmo; uma das consequências decorrentes do rompimento com a linearidade histórica. Os Acontecimentos, ainda segundo Foucault (2009), seriam efeitos inesperados que eclodem, que não voltam às origens e deixariam de ser, assim, repetição. A possibilidade do verdadeiramente novo e muitas dessas características descritas podiam ser reconhecidas nos fatos históricos que atravessavam a pesquisa. Dessa forma, passamos a descrever o processo inicial da pesquisa e os Acontecimentos que irromperam, levando-a ao devir anteriormente mencionado.

Este estudo é fruto da transformação de nossa primeira proposta de pesquisa, que teve início em 2014: realizar uma pesquisa prático-teórica, unindo a dissertação à criação de uma plataforma *on-line* denominadaDito Popular.Pretendíamos cartografar a produção de subjetividade nas periferias urbanas produzida pela convergência das mídias, cujo efeito seriam as novas formas de pensar, agir e sentir denominadas por Guattari (1992) como subjetividade pós-mídia. Nosso desejo era verificar como ela se materializava entre os alunos do ensino médio em um colégio no do Morro da Providência que, com a realização dos grandes eventos do Rio de Janeiro entre 2015/2016 (Copa do Mundo e Olimpíadas), passava por um intenso processo de gentrificação. A Providência é uma comunidade tradicional do Rio de Janeiro cuja história está ligada às primeiras ocupações denominadas de favela, ainda no século passado.

A plataforma denominada Dito Popular[1] tinha como intuito agregar o conteúdo produzido pelos alunos do ensino médio, proposto como atividade complementar da

[1] O nome Dito Popular foi escolhido, primeiramente, porque representa uma sabedoria construída social e coletivamente, repassada por gerações sobre a história e a geografia do Morro da Providência, desde os antigos moradores até essa nova geração Polegarzinha (SERRES, 2013), ou geração pós-mídia que habita o Morro da Providência; uma narrativa multivozes que atualiza as marcas de um território tradicional do Rio de Janeiro. Por outro lado, a marca *Dito Popular* já estava viva e antecipando, sem que percebêssemos, que estava emergindo algo mais adequado a uma nova subjetividade advinda dos jovens secundaristas da educação pública brasileira. A marca *Dito Popular* possui elementos visuais que representam a resistência e a voz de um jovem anônimo que poderia muito bem ser de um estudante. Uma singularidade na multidão.

disciplina de Geografia, visando ampliar a relação entre os alunos e sua comunidade. Realizaríamos uma série de vídeos com depoimentos de antigos moradores da Gamboa e do Morro da Providência[2] sobre histórias da região. Para isso, os alunos capturariam esse material audiovisual com seus próprios celulares e depois os editariam no laboratório de informática da escola ou nos próprios celulares. Ainda haveria a criação de uma personagem virtual (Flavea) que seria uma documentarista mediadora da plataforma *on-line*.

Em um segundo momento, faríamos outra atividade de exploração fotográfica com câmeras mais sofisticadas no entorno da região portuária, para os alunos capturarem imagens do trajeto do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) na região e descreverem as alterações na paisagem urbana. Nossas atividades estavam previstas para o primeiro trimestre de 2015. Infelizmente, os trâmites burocráticos para se realizar uma pesquisa em uma escola pública estadual são muito complexos e só conseguimos a autorização para o segundo semestre de 2015. Foi quando conseguimos dar os primeiros passos de nossa pesquisa, já que foi necessário obter uma série de documentações, registros e autorizações da Secretaria Estadual da Educação (SEEDUC).

No entanto, desde 2013, a crise política no Rio de Janeiro vinha-se agravando. A organização das Olimpíadas de 2016 se tornou prioridade, e o orçamento para educação, segurança e saúde no Estado não foi suficiente. Entre 2015 e o primeiro semestre de 2016, os professores se mobilizaram e radicalizaram a luta por seus direitos, resultando em uma greve. Logo em seguida, em abril de 2016, eclodiu o movimento secundarista de ocupação das escolas estaduais do Rio de Janeiro. Nossa pesquisa, então, afetada pelos acontecimentos, tomou novo rumo, porém o propósito se manteve o mesmo: analisar a produção de subjetividade entre os jovens alunos de uma escola no Morro da Providência, como efeito das tecnologias de informação e comunicação. Entretanto, nosso recorte se redelineou circunscrevendo a ocupação da Escola Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker

[2]Mais conhecido como Morro da Favela, o Morro da Providência é a comunidade mais antiga do Rio de Janeiro e vem sofrendo um processo de gentrificação devido às obras de modernização da região portuária. Com desalojamentos e interferências na arquitetura local para a implantação de novos equipamentos urbanos, como o teleférico e suas estações, o traçado do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), empreendimentos imobiliários e áreas de cultura público-privadas.

e da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, que se seguiram às ocupações dos Colégios Públicos de São Paulo.

Este trabalho é um estudo de caso com base em uma pesquisa etnográfica participativa cujo objetivo é investigar a materialização, nas redes sociais digitais, da narrativa coletiva sobre a ocupação do Colégio Estadual Hugh Clarence Tucker e do CAIC Tiradentes (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente) realizada pelos alunos. O colégio foi ocupado em abril de 2016, por motivos da paralisação dos professores e sucateamento da infraestrutura. Analisaremos as redes sociais de apoio que foram criadas e que funcionaram como ferramentas de comunicação e registro da força produtiva dos alunos secundaristas. Pretendemos acompanhar o processo de subjetivação dos alunos da escola ocupada que se materializaram sob a forma de textos, por meio das fotografias e dos audiovisuais capturados pelas câmeras dos celulares.

O estopim das ocupações em São Paulo

O Portal G1 publicou, no dia 2 de dezembro de 2015, a notícia de que no Estado de São Paulo explodia a crise na educação pública com imposição, pelo governo do Estado de São Paulo, de um plano de reestruturação das escolas. Conforme o secretário estadual de educação, o Ensino Médio do Estado tinha obtido a nota de 1,93 no Índice de Desenvolvimento da Educação (Idesp), em uma escala de 0 a 10. Para melhorar esse índice, seria necessário reestruturar as escolas em um único ciclo e concentrar os alunos por faixa etária em uma mesma unidade. A reestruturação foi anunciada pela Secretaria de Educação no dia 23 de setembro de 2015; e previa que, a partir de 2016, cada unidade ofereceria aulas a apenas um dos ciclos da educação (Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2 ou Ensino Médio). Estava previsto o fechamento de 93 escolas que seriam disponibilizadas para outras funções na área de educação. O secretário afirmou que a medida fazia parte da reestruturação realizada na secretaria desde 2011 para enxugar a máquina pública e descentralizar ações para as diretorias de ensino.

O Governo planejou a reestruturação de cima para baixo sem consultar os principais envolvidos na medida: professores, alunos e pais. Por isso, a ocupação das escolas ganhou extenso apoio da população, do Ministério Público e da Defensoria Pública de São Paulo. A reformulação foi criticada por especialistas, que

afirmavam não haver comprovações para seus supostos benefícios. Alunos e pais protestaram, e a reação dos alunos não demorou: eles criaram um movimento de ocupação das escolas que, em dezembro de 2015, contabilizava cerca de 190[3].

O primeiro colégio a ser ocupado, em 9 de novembro, foi a Escola Estadual Diadema, no ABC, mas os tumultos provocados pelos policiais militares que tentavam expulsar os alunos chamaram a atenção para a Escola Estadual Fernão Dias, em Pinheiros, na Zona Oeste de São Paulo. A Justiça chegou a conceder a reintegração de posse tanto da Fernão Dias quanto da Diadema, mas a decisão foi derrubada[4].

No início de dezembro, o governador de São Paulo suspendeu, por um ano, o projeto de reorganização da rede pública estadual de ensino. Porém, logo no início de 2016, retomou a reorganização de uma maneira silenciosa, o que provocou novamente o protesto dos estudantes, desta vez com a adesão das escolas técnicas (Etecs), que passaram a incluir na pauta as discussões sobre a precarização das escolas e o desvio de verba destinada à merenda. Com isso, percebia-se claramente que os alunos se apropriaram do debate sobre políticas públicas e o uso dos recursos para a educação. Ressaltamos aqui que a gestão democrática e a participação estudantil são apoiadas tanto pela Lei de Diretrizes e Base (LDB) como pela Constituição.

Em uma matéria publicada no dia 23 de maio de 2016 no *Brasilpost*, vinculado ao *Huffington Post* (agregador de *blogs*), o movimento das ocupações em todo o Brasil foi retratado como a emergência de uma nova classe estudantil. Se antes os estudantes da educação pública eram vistos como indisciplinados, apáticos e despolitizados, agora eles se tornaram protagonistas de uma reinvenção da política educacional numa organização entendida por eles mesmos como horizontal, como podemos ler no relato de um dos alunos ocupantes de uma escola em São Paulo em vídeo disponibilizado no Facebook, na página do Coletivo Desentorpecendo a Razão (2015):

---

[3]PORTAL G1. Estudantes voltam a protestar contra plano de reorganizar o ensino em SP. 02 dez. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/estudantes-voltam-protestar-contra-plano-de-reorganizar-o-ensino-em-sp.html>. Acesso em: 01 ago. 2016.

[4]PORTAL G1. Estudantes ocupam escola na Zona Leste de São Paulo. 12 nov. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/11/estudantes-ocupam-escola-na-zona-leste-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 02 ago. 2016.

> Tá ótimo pra eles [governo] os estudantes alienados que só escuta a Globo. Eles quer que o pobre continue pobre, que a gente continue em baixo; alienação é uma coisa boa [pro governo]. sabe o que está mais bonito ainda? É que é uma luta horizontal, onde todos os alunos tem poder de falar, ou seja, não há uma liderança. Isso tá doendo neles. [...] Essa luta é histórica [...] a luta desse tamanho é agora, é os estudantes que estão fazendo. 171 escolas ocupadas, certo? Estudantes indo pra luta, indo pra rua, certo? A gente tá indo pra cima.

O movimento secundarista no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, o movimento de ocupação das escolas estaduais começou em março de 2016 e alcançou 76 instituições em todo o estado até início de maio[5]. O governo estadual decretou recesso escolar para as unidades ocupadas, mas os alunos reafirmaram a disposição de seguir reivindicando melhores condições de ensino. O movimento de ocupação apoiava a greve dos professores do ensino público, em pleno andamento. Como forma de combate ao movimento, além do recesso, houve a suspensão das verbas para alimentação e transporte.

À medida que o número de ocupações aumentava, evidenciavam-se o poder dos estudantes e a postura da SEEDUC para lidar com a situação: as negociações não avançavam.Algumas escolas ocupadas afirmaram que tiveram visitas dos representantes da SEEDUC, mas as negociações não tiveram resultados concretos. Artistas, músicos, professores e cidadãos solidários apoiavam os estudantes e realizaram palestras, oficinas, aulas extras e contribuíram com doações de alimentos e outros itens.

A Secretaria tinha anunciado para as escolas o repasse de R$ 15 mil para reparar danos na infraestrutura, mas, apesar da promessa, os estudantes continuaram mobilizados. "Estamos reivindicado uma série de outras coisas, como um currículo único, o aumento do salário de professores, com recebimento de salário de forma digna. Ou seja, não é só a reforma em si", afirma Manuel (KELIAN; NERES, 2016), aluno secundarista de uma escola da Zona Sul. A rotina de atividades não alterou os objetivos escolares dos alunos, visto que voluntários e professores iam às escolas para preparar os estudantes para o vestibular. Na

[5]PORTAL G1. Alunos de escolas ocupadas protestam no Rio. 04 maio 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/alunos-de-escolas-ocupadas-protestam-no-rio.html>. Acesso em: 06 set. 2016.

ocasião, os cursos de pré-vestibular também se envolveram com as ocupações para garantir que os alunos em final de curso não perdessem o ano.

A nova geração de alunos

Ao promoverem oficinas e palestras com pessoas da comunidade e discussões com jovens de outras escolas, os estudantes perceberam novas possibilidades de vida e de atuação política: aulas mais interessantes, pleno acesso às bibliotecas, grêmios estudantis livres e não escolhidos pela diretoria e, sobretudo, mais participação nas decisões que afetam diretamente suas vidas a partir da discussão de temas polêmicos. Dessa vivência surgiram novas experiências e reflexões, como a discussão sobre as questões de gênero, uma vez que há liderança feminina e participação de homossexuais nas ocupações.

Conforme a matéria do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC)[6],

> é preciso entender que a ocupação das escolas se tornou um dispositivo, uma invenção da juventude. Os alunos se apropriam das escolas a partir da necessidade de transformar e criar estratégias de luta e de fazerem ouvir suas vozes, antes completamente desconsideradas na discussão sobre políticas públicas educacionais. Ao inaugurarem esta nova convivência na escola, vislumbram novas possibilidades educativas.Neste contexto, é fundamental enxergarmos a tarefa que os jovens nos colocaram: reinventar a política e a escola, baseados no diálogo e na potência da diversidade e do conflito (KELIAN; NERES, 2016).

As ocupações fizeram surgir novas formas de se pensar o currículo escolar. Essa nova geração de estudantes secundaristas naturalizou a tecnologia informática e o acesso ao conhecimento em rede, e as suas demandas contemplam a cultura e diversidade. Esses jovens estão muito além de políticas educacionais defasadas; estão assumindo relevância no âmbito escolar. Essa matéria aponta claramente a necessidade de diálogo:

> Um currículo vinculado ao território existencial dos alunos e pleno de atividades culturais. “Uma escola onde os estudantes participam da gestão e se apropriam dos recursos (livros, equipamentos, espaços, merenda, biblioteca, etc.). Enfim, uma escola onde há espaço/tempo para debater política” (KELIAN; NERES, 2016).

[6]KELIAN, Lilian; NERES, Julio. *O que as ocupações dizem sobre a escola* (*e o mundo*) *que os jovens querem*. 23/05/16. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/cenpec/o-que-as-ocupacoes-dizem-_b_10106494.html>. Acesso em: 06 set. 2016.

Reestruturando a pesquisa

Esse turbilhão de Acontecimentos e reivindicações não podia deixar de atingir nossa pesquisa. Nosso projeto se adequou às novas circunstâncias, mas ainda manteve o mesmo objetivo, como já foi dito: investigar os processos de produção de subjetividade produzidos pelas tecnologias de informação e comunicação. Só que agora não mais por meio de uma turma em sala de aula. Nosso território se ampliou, e voltamos nossa atenção para uma "comunidade escolar"[7] ocupada que utilizava as mídias sociais digitais para interagir, expressar-se e compartilhar informação e conhecimento. A potência dos movimentos de ocupações no Brasil ativou redes de apoio e solidariedade que passavam pelos professores simpatizantes, pais de alunos e cidadãos contribuindo com doações para a manutenção das ocupações, até a organização de assembleias, palestras, oficinas e midiativismo.

No Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker e no CAIC Tiradentes[8], a ocupação teve uma característica peculiar, pois o prédio abrigava as duas escolas em diferentes horários, e o local não possuía estrutura para suportar o duplo turno. As demandas eram muitas, desde problemas estruturais como elevador quebrado, insuficiência da caixa d'água e fragilidade da rede elétrica até problemas de absenteísmo dos professores e gestão financeira das escolas. A união dos alunos das duas escolas foi primordial para que acontecesse a ocupação de uma maneira organizada e autônoma.

Castells (2013), no posfácio de seu livro *Redes de indignação e de esperança,* aponta que, não só no Brasil como no mundo, é irreversível a atitude participativa dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo o que sabemos do futuro é que eles o farão mobilizados – fazendo referência ao uso de dispositivos móveis nas manifestações. Em entrevista para o Instituto Humanitas Unisinos sobre as ocupações das escolas, o professor da rede pública do Rio de Janeiro e filiado à Universidade Nômade Brasil, Silvio Pedrosa

[7]Note-se que utilizamos a expressão *comunidade escolar*, pois engloba mais do que simplesmente o espaço geográfico da escola e dos alunos, agenciando elementos heterogêneos, como máquinas virtuais (o aplicativo *WhatsApp* e o *Facebook)* e máquinas sociais – a Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC), os pais de alunos, os professores de apoio –, que compõem o território existencial de nossa pesquisa.

[8]O Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) foi um programa educacional brasileiro criado pelo governo Fernando Collor de Mello (1990-1992), criado no Brasil para permitir a algumas crianças passar mais tempo na escola (*Zero Hora*, Caderno Geral, 04/03/05).

(PEDROSA, 2016) aponta que seria necessária uma cartografia desses movimentos para mostrar que não são apenas pessoas novas, mas novas pessoas forjadas por uma nova subjetividade bastante diferente de outras épocas.

Desde então, nossa pesquisa foi-se transformando para sair da sala de aula com o apoio da disciplina de Geografia, para alcançar outra dimensão e ocupar novos territórios. Nossas questões também se transformaram: entre as questões que procuramos responder estão: de que forma aconteceu a ocupação? Como era gerida? Que tecnologias de comunicação foram utilizadas? Qual o perfil dos estudantes que ocuparam? Quais foram as narrativas visuais e os enunciados produzidos pelos jovens? A ocupação funcionou como uma linha de fuga a uma aprendizagem baseada em políticas recognitivas de educação, cujo efeito foi o fortalecimento de uma subjetividade pós-mídia entre os alunos que participaram da ocupação?

Uma nova abordagem

Devido à imediaticidade dos Acontecimentos, nossa pesquisa se transformou em um estudo de caso com base em uma pesquisa etnográfica participativa cujos objetivos maiores e relacionados são investigar os processos de produção de subjetividade engendrados pelas tecnologias de informação e comunicação, através, sobretudo, da materialização, nas redes sociais digitais, da narrativa coletiva sobre a ocupação do Colégio Estadual Hugh Clarence Tucker e do CAIC Tiradentes realizada pelos alunos.

Teremos como nosso dispositivo de análise uma escola ocupada em abril de 2016, que por motivos da paralisação dos professores e sucateamento da infraestrutura eclodiu neste movimento. Pretendíamos acompanhar o processo de subjetivação dos alunos da escola ocupada que se materializou por meio das fotografias e dos audiovisuais capturados pelas câmeras dos celulares.

Nosso referencial conceitual estará baseado nos conceitos de subjetividade, subjetividade pós-mídia, território existencial, devir e agenciamento coletivo de Deleuze e Guattari; subjetividade e subjetividade pós-mídia de Guattari em Caosmose*;* multidão e trabalho imaterial, de Antonio Negri e Michael Hardt e Lazzarato, entre outros, além da bibliografia da área – Henri Jenkins, Pierre Levy, Derrick de Kerchove, Howard Reihngold, Henrique Antoun.

Um percurso

No primeiro capítulo, apresentaremos nosso campo conceitual. Abordaremos a produção de subjetividade, os conceitos de multidão e multidão esperta, as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a inteligência coletiva que permearam toda a pesquisa, mesmo com as diversas mudanças de rumo. Utilizaremos ferramentas como a observação participante, informantes, entrevistas e questionários *on-line.* Mantivemos alguns princípios da cartografia, como o uso do conceito de dispositivo e o apoio na intuição do pesquisador, que nos permitiu mudar o rumo da pesquisa diante dos fatos que se apresentaram no cotidiano. Lembramos que, de acordo com Escossia, Passos e Kastrup, a cartografia é um método que investiga processos durante o presente dos acontecimentos, o que inclui, inevitavelmente, mudanças de percursos.

No segundo capítulo, faremos uma descrição densa do território existencial do grupo observado a partir de um "diário de pesquisa". Esse capítulo foi dividido pelas condições materiais da pesquisa durante este último um ano e meio. No início, tínhamos direcionado uma pesquisa para a coleta de depoimentos dos alunos junto com moradores do Morro da Providência e da região portuária, o que não contou com a adesão dos jovens. Depois, alteramos para uma atividade da disciplina de geografia com o registro de imagens em torno da reurbanização da região portuária, mas esse trabalho foi interrompido pela ocupação da escola, alterando nosso trajeto. A observação etnográfica participativa foi adotada durante a ocupação e entrevistas e questionários foram efetuados.

No terceiro capítulo, está a análise dos dados produzidos pelas entrevistas, questionários e narrativas sobre a ocupação e as práticas inventivas.

1 REDE TEÓRICO-EMPÍRICA EM CONTEXTO PÓS-MÍDIA

Neste capítulo, procuramos estabelecer um arcabouço teórico que nos possibilite ajustar o olhar e a abordagem empírica na relação com o objeto pesquisado. Nesse sentido, pensamos ter costurado uma rede em que cada uma das categorias está em absoluta consonância com os Acontecimentos e com o objeto de análise, assim também como na relação entre si.

Dessa forma, passamos a expô-los nos subitens a seguir, realçando as relações acima expostas.

1.1 **Subjetividade**

O conceito de subjetividade é caro a essa dissertação, visto ser uma das categorias centrais da análise. Nesse sentido, iniciaremos pelo esforço de clarificação do nosso posicionamento sobre a questão. Para tanto, lançamos mão das palavras de Guatarri (1992, p.19) que descreve a subjetividade como:

> o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.

A subjetividade é produzida por instâncias individuais, sociais e institucionais que funcionam como máquinas produtoras de modos de pensar, sentir e agir por meio do agenciamento de processos semióticos que vão permitir que o indivíduo ou uma coletividade se individuem, enquanto uma entidade singular. Essa singularidade é uma composição maquínica produzida pelos componentes semiológicos significantes que se manifestam por meio da mídia, da família, da escola, do esporte, do bairro, da religião, do Estado, do meio ambiente e pelos signos assignificantes, que não percebemos conscientemente, mas que sentimos e que nos afetam. Ainda de acordo com Guattari (1992, p.14),

> máquinas sociais, ou podemos dizer equipamentos coletivos, e as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação reagem no núcleo da subjetividade humana, quer seja nas suas memórias, na sua inteligência, mas também nos afetos e no inconsciente.

Máquinas sociais como a família, a escola, a prisão e a justiça, entre outros, e as máquinas tecnológicas de informação e comunicação funcionam como dispositivos[9] de produção de subjetividade.

Deleuze (2013) aponta que dispositivos são compostos por um emaranhado de linhas que produzem os regimes de visibilidade e de enunciação que permitem que uma determinada sociedade possa ver e dizer, com suas derivações, suas transformações, suas mutações. Podemos identificar as linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação que são características de um determinado tempo e espaço. Por exemplo: a máquina favela, que começa designando uma planta rasteira da região do sertão baiano e vai-se transformando a partir do o episódio da Guerra dos Canudos, até se consolidar na denominação de um território de abandono pelo poder público e resistência dos populares.

A possibilidade de emergir o que ainda não foi dito, quando ocorrem fissuras e linhas de fuga no dispositivo, é a materialização desse potencial criativo que se expressa em algo novo que ainda não foi pensado ou executado. Novos enunciados, novas linhas rompem e criam caminhos criativos que modificam o dispositivo favela, produz uma nova luz, uma nova potência capaz de produzir outras formas de subjetivação.

Deleuze (1986) aponta que não há uma resposta universal para os dispositivos; rupturas radicais e modulações podem ocorrer em diferentes contextos. Quando o poder hegemônico enfraquece os sistemas de pensamento, surgem as fissuras que vão produzir linhas de fuga capazes de produzir novos conhecimentos e processos perceptivos.

Esta pesquisa reconhece e destaca tanto o fato de que a escola e as tecnologias utilizadas nas ocupações são fortes dispositivos de produção das subjetividades coletivas individuadas que irrompem durante as ocupações estudadas, quanto reconhece também os indícios de produção de novas práticas e enunciados surgidos das linhas de fuga despontadas pelas fissuras do sistema educacional.

[9]Foucault afirmava que os dispositivos são compostos por elementos heterogêneos, como signos materiais, processos, enunciados, imagens e relações (SÁ REGO, 2015).

1.2 **Multidão e multidões espertas**

Lazzarato e Negri (2001) apontam que vivemos em uma sociedade pós-fordista baseada no trabalho imaterial.

> Enquanto o trabalho fabril é mudo, o trabalho imaterial é loquaz e gregário, frequentemente envolve habilidades linguísticas, afetivas e de comunicação. A *performance* foi posta em prática. Toda forma de trabalho que produz um bem imaterial, como uma relação ou um afeto, resolvendo problemas ou proporcionando informação do processo criativo ao marketing e até serviços financeiros, e tudo depende, fundamentalmente, de uma *performance*: o produto é o próprio ato de produção em si.

O trabalho de uma enfermeira ou o de um profissional da publicidade são exemplos de profissões que demandam uma *performance* pessoal do profissional. É ela que vai garantir a cooperação, gestão e inovação organizativa e comercial de uma atividade. No caso do publicitário, o trabalho só existe sob a forma de rede e de fluxos[10], em que o processo de criação não tem tempo nem lugar, e o profissional aplica seu capital cognitivo, fruto do investimento de toda uma vida. Um capital cujo valor não pode ser representado por números, porque o tempo que ele leva para criar inclui tudo o que ele viveu e uma experiência de vida não tem preço.

O trabalho pós-fordista rompe com os limites entre vida, trabalho, ação e linguagem, agenciando a linguagem à aprendizagem, à capacidade de extrair e correlacionar dados, à autorreflexão. O trabalho é como uma atividade sem obra, e todos os seus elementos assemelham-se àquelas execuções virtuosísticas que exigem a "presença de outro" (HARDT; NEGRI, 2012).

A linguagem pode ser considerada a chave para entender toda atividade social e econômica contemporânea. Podemos considerá-la como uma produção do comum pela multidão.

> A produtividade do comum, além disso, deve ser capaz de determinar não apenas a reforma dos corpos sociais existentes, mas sua radical transformação na carne produtiva da multidão. A multidão é composta por um conjunto de singularidades – e como singularidades queremos nos referir aqui a um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente (HARDT; NEGRI, 2012).

Essa é a diferença entre a multidão e o povo. Os elementos do povo são indiferentes em sua unidade: "O povo é uno", apontam Hardt e Negri (2012). Essa

[10]Rede de profissionais de criação de produtos, rede de produtores capazes de materializar o trabalho de criação, rede de produtores de vídeo, de textos, de vitrinistas e todos os profissionais envolvidos no projeto da ideia ao produto final.

unidade se forma a partir da negação das diferenças. A multidão é múltipla. É um sujeito social ativo, que age com base naquilo que as singularidades têm em comum: a capacidade de criar, produzir e compartilhar. Isto é: a própria vida.

Em uma visão mais tecnológica da sociedade, Howard Rheingold (2002) constatou que os equipamentos portáteis capazes de permitir a comunicação e processar dados ao mesmo tempo conseguem agenciar indivíduos para uma ação coletiva, mesmo sem se conhecerem. O efeito desse agenciamento é denominado por ele como multidões espertas. Dez anos depois do surgimento das multidões espertas, a popularização do *smartphone* e a convergência das mídias mudaram as nossas formas de pensar, agir e sentir, dando origem a novas relações sociais. Para Antoun, a subjetividade tecnológica contemporânea nos coloca “diante de novas formas de associação, imersos em uma complexidade chamada rede social, com muitas dimensões e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis” (ANTOUN, 2008, p. 34).

A possibilidade de estar ao mesmo tempo aqui e lá rompe com as ideias tradicionais sobre o espaço, o tempo e o território: a ubiquidade é inerente a esta nova geração. Ao mesmo tempo, os equipamentos deixam de ser apenas ferramentas de comunicação e se tornam um espaço de vida. Como aponta Rheingold (2002), a noção de espaço público e outros aspectos da geografia social estão se transformando diante de nós. Algumas dessas transformações serão benéficas para o bem comum, outras possivelmente não. Um dos principais conceitos a serem questionados foi o de comunidade nas redes sociais. Nos transportes públicos, nas ruas, nas escolas e no trabalho nos comunicamos com pessoas que não estão presentes fisicamente, acabando com a ideia de comunidade pelo território e desenvolvendo a ideia de comunidade de interesses, em que os integrantes atuam de forma colaborativa.

Kerchove (2009), discípulo de McLuhan, concorda com essa ideia. A colaboração é um efeito das ferramentas digitais de interação que vão permitir a ampliação do bem comum. Os consumidores de informações pela internet são os verdadeiros arquitetos do ciberespaço, levando a denominação de “prosumidores”, já que além de consumidores que também são produtores. Esse termo, criado por Toffler (1980), é retomado por Kerckhove (2009), possibilitado agora por uma nova mecânica.

A convergência das mídias, os aplicativos de comunicação e a facilidade da criação de comunidades virtuais facilitaram a interação entre pares desconhecidos, além de conectar diversas pessoas em uma série de contextos diversos e em tempo real. Nesse cenário, devemos acrescentar as tecnologias móveis, que também estão mudando os fatores distância e frequência de contatos. De fato, o que a mobilidade vem provocando é uma reorganização na forma de as pessoas se encontrarem, trocarem, comunicarem-se e, principalmente, produzirem o comum. A vida acontece não mais entre as fronteiras do virtual e do real, mas no momento em que ocorre a atualização entre esses dois territórios (RHEINGOLD, 2002).

As ocupações realizadas pelos alunos no Estado do Rio de Janeiro, realizadas também em vários estados do Brasil, são um exemplo vivo e latente das novas multidões espertas em toda a sua complexidade, tanto na maneira de se organizarem nos seus coletivos locais, ou seja, das escolas que ocupavam, quanto nos coletivos ampliados na rede estadual e de outros estados do Brasil. É interessante perceber que essa multidão esperta já estava em parte constituída e que no processo do devir dos Acontecimentos, ao mesmo tempo, reforçam e reconstroem suas subjetividades tanto de caráter mais individual quanto coletivas, mantendo ainda a horizontalidade das ações.

1.3 **Narrativa transmídia**

A febre colaborativa dos prosumidores levou Jenkins (2006) a apontar que na série de filmes Matrix[11]surgiuuma nova forma de se criar uma história por meio da autoria cooperativa e transmidiática. A série se tornou um clássico da cibercultura e mostrou que era possível contar novas histórias sobre os personagens que habitavam o território do sistema operacional conhecido por Matrix. O que aconteceu com o filme dos irmãos Andy e Lana Wachowski foi o mesmo que em centenas de outros filmes. Desdobramentos foram ganhando espaço e expandindo as narrativas para além das películas: *Games*, animações, *Blogs*, *Fan Sites* e HQs enriqueciam e ultrapassavam os limites do filme e abriam espaço para experimentações. “A narrativa transmídia é a arte da criação de um universo” (JENKINS, 2006, p. 49).

[11] The Matrix, 1999, com direção dos Wachowski Brothers, produzido pelo estúdio Warner Bros.

Para viver uma experiência plena em um universo ficcional, os prosumidores devem fazer o papel de caçadores,

> perseguindo pedaços da história pelos diferentes meios, comparando suas observações com as de outros integrantes em grupos *on-line*, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento e educação mais rica (JENKINS, 2009, p. 49).

Ainda de acordo com Jenkins, alguns educadores já estão adotando práticas *on-line* no aprendizado, apesar das políticas educacionais que preveem o uso do "cuspe e giz" e recusam celulares em sala de aula. No entanto, para Jenkins (2006, p. 39), para se inserirem na contemporaneidade, os jovens precisam realizar algumas práticas para se tornarem participantes plenos da cultura da convergência:

> a união de conhecimentos pelo trabalho coletivo, o compartilhamento de valores, a possibilidade de conexão e integração de informações espalhadas, a capacidade de expressar suas interpretações e seus sentimentos em relação a ficções populares por meio de sua própria cultura tradicional e a circulação de criações através da internet, para que possam ser compartilhadas com outros.

O autor toma como exemplo, o professor James Paul Glee da Escola de Educação de Madison em Wisconsin, que chama essas culturas informais de aprendizado de "espaços de afinidades" e questiona por que as pessoas aprendem mais, participam mais ativamente e se envolvem mais profundamente com a cultura popular do que com o conteúdo dos livros didáticos. Jenkins (2006, p. 251) nos diz que

> os educadores gostam de falar em andaime (*scaffolding*), o conceito de que um bom processo pedagógico funciona passo a passo, incentivando os estudantes a construir novas habilidades sobre aquelas que já dominam, fornecendo um suporte para os novos passos para que o aprendiz se sinta confiante o bastante para caminhar sozinho. Na sala de aula, o andaime é fornecido pelo professor. Numa cultura participativa, a comunidade inteira assume uma parte da responsabilidade em ajudar os iniciantes da internet.

Serres (2013, p. 31) chama os jovens que integram a multidão esperta de Polegarzinha/o: "o jovem/criança conectado que escreve em seu teclado de celular com seus polegares, navega pelo ciberespaço com mobilidade e agilidade". Ele sabe carregar sistemas operacionais e aplicativos que processam, acessam, registram, comunicam e compartilham esse saber:

> O compartilhamento proporcionou a conexão dos fluxos de ideias em multiplicidades que caracterizam a nossa sociedade; o individualismo, a exigência das pessoas e a mobilidade das paisagens agora se cruzam. Ele simetriza o ensino, os cuidados, o trabalho; a escuta acompanha o discurso; o reviramento do velho iceberg facilita a circulação nas duas vias de

> entendimento. O coletivo, cuja característica virtual se escondia, arisco, sob a morte monumental, cede vez ao conectivo, realmente virtual (SERRES, 2013, p. 80).

A questão da transmídia, sem hierarquizar os conceitos, talvez seja aquela que de maneira mais ampla se conecte à insatisfação geral demonstrada pelos estudantes das ocupações das escolas em todo o Brasil no que diz respeito especificamente tanto à maneira de ensinar, quanto aos conteúdos e valores trabalhados em suas escolas. Em um contexto histórico de subjetividades, tanto coletivas, quanto individuais possibilitadas a serem Prosumidoras, quer dizer, de serem a um só tempo consumidoras e produtoras de discursos que circulam e constroem coletivamente novas práticas e enunciados pela comunicação em rede, as tradicionais abordagens parecem não irem mais ao encontro dos anseios e potencialidades dos estudantes.

1.4 **Política da multidão**

> Ocupação: Ato de se apoderar de algo, apropriação, tomada, conquista, posse, invasão, apoderamento, assenhoramento (Dicionário de sinônimos *on-line*)[12].

Em seu artigo chamado *Os rebeldes na rua*: o partido de Wall Streetencontra sua nêmesis*,* Harvey[13] (2011) aponta que as táticas do *Ocuppy Wall Street* são ocupar um espaço público central, um parque, ou uma praça próxima aos locais de poder de determinadas cidades e transformá-los em um espaço político horizontal. Um lugar onde todos têm voz, e se pode discutir as práticas do poder e as melhores formas de se opor a ele. Essa tática, presente na praçaTahir, confirma como a presença física coletiva nos espaços públicos permanece como o instrumento mais efetivo de oposição quando não existe acesso a outros meios de comunicação. O mesmo processo aconteceu durante a revolta estudantil, organizada pelos secundaristas chilenos chamados de *Los pinguinos*, que foram às ruas de Santiago em protesto contra as políticas neoliberais implantadas a partir do governo Pinochet, que precarizava a educação pública em prol da privada.

---

[12]Dicionário de sinônimos *on-line* de português do Brasil. Disponível em: <http://www.sinonimos.com.br/ocupacao>. Acesso em: 15 ago. 2016.

[13]"Rebels on the street: the party of wall street meets its nemesis", publicado originalmente no *blog* do Verso Books (www.versobooks.com/blogs/777) em 28 de outubro de 2011.

O artigo de Pechanski (2012, p. 28), *Os "ocupas" e a desigualdade econômica*, que faz parte do livro *Ocuppy*, afirma que:

> o igualitarismo democrático radical, cerne da bandeira dos "ocupas", é um princípio fundamental das tradições intelectuais e correntes políticas progressistas. De maneira ampla, pode ser visto como uma defesa de que todas as pessoas tenham o mesmo acesso a recursos e a capacidade de participar das decisões da sociedade, especialmente das que as afetam diretamente.

Uma nova subjetividade tem sido produzida na/pela rede. Castells (2013), em seu livro *Redes de indignação e de esperança*, deixa bem claro que a rede é o próprio sujeito. A subjetividade produzida pela experiência adquirida na internet, em que a horizontalidade prevalece, não demanda uma liderança, porque as funções da coordenação podem ser exercidas pela própria rede, mediante a interação entre seus integrantes. Pode-se tomar como exemplo o movimento dosIndignados[14], na Espanha em que cada um representa a si mesmo sem um porta-voz definido. Também o caso das ocupações das escolas brasileiras pode ser tomado como exemplo, sobretudo no aspecto da horizontalidade do movimento, na não liderança representativa, inclusive na recusa sistemática das velhas instituições de representação estudantil.

1.5 **Agenciamento coletivo e inteligência coletiva**

> O que é um agenciamento? É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos – de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 84).

Deleuze e Guattari (1995) desenvolvem o conceito de agenciamento coletivo de enunciação pela produção de uma fala comum pela sociedade. A nossa língua seria um exemplo. Segundo Sá Rego (2015), toda fala é um agenciamento coletivo, que reúne diferentes "vocês": aquele que enuncia e todos os outros que enunciam pela voz dele.

Guattari (2005) desenvolve o raciocínio no livro *Micropolítica*: cartografias do desejo, segundo o qual os agenciamentos podem construir seus próprios modos de

[14]Movimento 15-M, ou Indignados, foram protestos realizados por cidadãos inicialmente organizados pelas redes sociais, na Espanha em 2011 e que reivindicavam a instalação de uma democracia radical.

subjetivação e provocam dois tipos de atitudes: a atitude normalizadora que não considera os agenciamentos, e enxergam como problemas secundários; e a atitude reconhecedora, que considera tais agenciamentos com um caráter comum, de maneira que aconteça a sua articulação.

Em sua obra sobre inteligência coletiva, Levy (2000, p. 55) aponta: “os grupos auto-organizados, também chamados de moleculares, realizam o ideal da democracia direta nas enormes comunidades em situação de mutação e desterritorialização”.

Esses coletivos moleculares aproveitam muito mais do ciberespaço acolhedor das inteligências coletivas para o surgimento de uma nova subjetividade, em detrimento da mídia hegemônica e sua subjetividade capitalística.

Com o conceito de agenciamento coletivo, encerramos nosso esforço de entrelaçamento teórico-empírico e reforçamos a percepção de que os Acontecimentos que foram objeto de nossa pesquisa podem, em grande medida e como já demonstrado em parte, ser observados por esse conjunto sempre relacional de categorias.

2 CONTEXTUALIZANDO TERRITÓRIOS

Neste capítulo apresentamos, inicialmente, uma contextualização dos territórios transitados por essa pesquisa, sobretudo o Morro da Providência, as escolas – CAIC Tiradentes e Reverendo Hugh Clarence Tucker – e as ocupações. Ressaltamos que nesse reconhecimento de territórios a narrativa não é temporalmente linear e se deu, amplamente, em face dos Acontecimentos que foram eclodindo ao longo da pesquisa, muitas vezes redirecionando-a.

Chama a atenção o fato de termos formado uma rede de narrativas sobre esses territórios, que incluem moradores antigos do Morro da Providência, como Dona Idea, Maurício Horta e Elizete, alunos das escolas analisadas, como Mateus, Patrick e Lucas, assim como trabalhadores da educação como os professores Fernando e Pedro, a Coordenadora Isaura e o Inspetor Pedro que vão perpassando todo o Capítulo 2, construindo coletivamente o próprio território desta pesquisa.

Dessa forma, trazemos a história do Morro da Providência, algumas considerações sobre educação, descrições sobre as escolas, as ocupações e desocupações, bem como também um registro de como a observação participante foi redirecionando a pesquisa, prática do devir.

2.1 **O Morro da Providência**

O Morro da Providência é considerado a primeira favela do Rio de Janeiro. A sua história de luta e resistência é conhecida desde a Guerra de Canudos, e os combatentes se instalaram nesse território para reivindicar ao Ministério do Exército o soldo referente às batalhas que travaram nessa guerra. A ocupação desse território fez com que esse morro ficasse conhecido pelo nome de Morro da Favela, em referencia à plantação rasteira que existia na região Nordeste, terra de origem da mencionada parcela de ocupantes.

Outros conflitos em torno da remoção dessas pessoas imposta pelo governo, como a Revolta da Vacinano início do século XX e atualmente com a reurbanização da região portuária, fizeram com que esse território se tornasse um núcleo tradicional de reivindicação e resistência popular.

No fim do século XIX e ao longo do século XX, houve uma grande migração do povo nordestino em busca de trabalho. Por ser um morro em uma região portuária, os moradores avistavam os navios chegando e sabiam que teriam o trabalho de estiva como subsistência para a sua família. Além do trabalho no Porto, a construção da rede férrea e a Central do Brasil chamaram muita mão de obra na região; o custo de moradia era baixo devido à desvalorização do bairro com a decadência dos casarões e surgimento dos cortiços, e mais a instalação de um cemitério da Igreja Protestante. Com todo esse contexto, emergiu a ocupação de um território periférico de subsistência no centro de uma capital nacional (RIO MAIS SOCIAL, 2016).

O conhecimento sobre a história do Morro da Providência, por meio das conversas que tivemos com moradores da região, foi importante para a definição do objeto de pesquisa da presente dissertação, conforme descrito a seguir. Esse material nos possibilitou conhecer mais ainda sobre a história do morro nos últimos 50 anos e as mudanças que estavam acontecendo durante os novos projetos de reurbanização da região.

2.1.1 **Início da pesquisa: entrevista com o fotógrafo Maurício Hora**

A pesquisa de mestrado que fizemos começou em setembro de 2014 com uma entrevista a um dos maiores fotógrafos e historiadores do Morro da Providência: Maurício Hora, um filho de nordestino que nasceu e cresceu nesse morro.

Em seu estúdio de fotografia localizado na região da Gamboa, pudemos coletar informações fundamentais para entender o contexto do nosso objeto de pesquisa que ainda estava em formação. Por ser uma pesquisa prático-teórica, na qual se realizaria a construção de uma plataforma de narrativa “transmídia”, o nosso interesse se concentrava em saber a história de uma favela que resiste e se transforma há mais de 100 anos, a cada período histórico do Rio de Janeiro.

Maurício fez um livro chamado *Morro da Favela* junto com o desenhista de história em quadrinhos André Diniz, em que descreve a história do morro nos últimos 50 anos do ponto de vista do próprio Maurício: o início do tráfico com seu pai, a infância dura, mas com suas alegrias, a ação policial e a perda de amigos, mas

também a descoberta de seu talento em fotografia e a exposição e parceria com um fotógrafo francês a qual rendeu várias visitas nas faculdades francesas de arquitetura.

Na época, Maurício queria criar uma cooperativa que se chamaria Zona Imaginaria, em que artistas das comunidades cariocas, como grafiteiros, fotógrafos, poetas, cineastas se juntassem para realizar projetos culturais. Já existe uma ONG da qual ele participa chamada Favelarte, que tem o propósito de resgatar a memória das comunidades.

2.1.2 **O perfil dos moradores**

Conforme dados do IBGE, são 4.889 moradores na favela da Providência. Nos últimos 50 anos, o perfil dos moradores do morro foi se diversificando: junto dos moradores antigos existem novas gerações de moradores, de vários estados brasileiros, principalmente de origem nordestina, mas também há estrangeiros que moram nesse território (GOMES; FERNANDES, 2016).

Com a reurbanização dessa região, a especulação imobiliária começou a transformar o perfil destes moradores, e a tendência é “encarecer” o custo de vida após os projetos do Morar Carioca e Porto Maravilha (GOMES; FERNANDES, 2016).

Há 50 anos, havia grandes fábricas localizadas na região de Santo Cristo que empregavam a população local, principalmente a mão de obra feminina. Hoje, essa nova geração tem trabalhadores nas mais diversas áreas pública e privada, autônomos, comerciantes, técnicos de fábrica, artistas, professores, produtores culturais, guias turísticos, etc.

Muitos desses moradores mais antigos se estabeleceram lá por conta do trabalho na estiva, já que a Providência é uma favela portuária que teve uma relação direta com o mar. Conversamos com alguns moradores e constatamos que grande parte possuía algum parente que tinha trabalhado no Porto. Abaixo, encontra-se transcrita a entrevista de uma das moradoras da região, Dona Idea, uma senhora com pouco mais de 90 anos que tinha trabalhado no setor de embalagens da fábrica de chocolates Bhering, cujo marido trabalhou no Porto praticamente a vida toda.

2.1.2.1 Entrevista com Dona Idea

Dona Idea, uma senhora de pouco mais de 90 anos de idade mora no bairro de Santo Cristo desde 1962, em um condomínio com características de conjunto habitacional para trabalhadores da região chamado de Vila Portuária. Esses prédios tinham a forma arquitetônica de alojamentos, com vários blocos espalhados pela região ao pé do morro. Cada bloco tinha o nome de um estado nordestino, origem da maior parte dos muitos moradores, a maior parte imigrante daquela região do país que veio para o Rio de Janeiro em busca de trabalho. A entrevista ocorreu em sua residência, um pequeno apartamento que tinha dois quartos, sala, cozinha e banheiro. A dona da casa estava acompanhada pela filha e pela neta.

Ela aparentava ser uma senhora bem vivida, e contava da época de ouro do Porto do Rio de Janeiro. Uma senhora católica que frequentava as igrejas da região e participava de novenas; falava com saudosismo de sua família, do casamento, dos acidentes que teve em sua vida, do pessoal que trabalhava no Moinho Inglês e até do cinema que existiu no Santo Cristo.

Em sua entrevista, ela comentou sobre a presença do Estado quando o Porto era uma atividade importante nas décadas de 40 e 50 e a onda de desindustrialização ocorrida nas décadas de 60 e 70 – a moradora comentou que o Estado só oferecia emprego na região até as décadas de 1940 e 1950, encaminhando os trabalhadores para atividades no Porto. No entanto, a maior parte dos empregos na região estava na iniciativa privada, já que no Santo Cristo ficavam as fábricas Bhering de chocolates, o Moinho Inglês, a fábrica de calçados Foxy, etc.

Muita gente trabalhava no Porto, principalmente os homens, e as mulheres trabalhavam nas fábricas. Ela disse que o marido encaminhou muita gente para trabalhar no Porto. Com o tempo, essas fábricas foram fechando ou sendo transferidas da região, as atividades portuárias foram reduzindo, e os moradores foram mudando de empregos. Uma grande parte se mudou para Sepetiba com o surgimento de loteamentos construídos pelo governo do Estado.

O governo tinha um planejamento melhor para a região com a construção de moradias e a implantação das fábricas, mas quando a cidade começou a perder seu posto de capital do País, houve um grande desinvestimento nessa região, e as fabricas foram fechando ou sendo transferidas.

Quando foi interpelada sobre a atual reurbanização, ela falou do transtorno que estava causando com o desalojamento de casas para a construção do VLT, o barulho, a poeirada. Nesse momento, sua filha chamada Elizete intercedeu e comentou sobre o aumento da violência que se estabeleceu nos arredores, uma mulher na casa dos 50 anos que se mostrava preocupada com a alteração das linhas de ônibus, fechamentos de ruas e acessos, e a falta de policiamento na região.

O professor Fernando Torres voltou a perguntar sobre o espaço urbano na região e Dona Idea comentou sobre a quantidade de pedreiras que existiam lá antes da construção da Vila Portuária na década de 50. As moças iam lá lavar as roupas nas nascentes das pedreiras.

2.1.3 **Urbanização atual**

Um dos principais equipamentos instalados dentro do projeto de reurbanização da Zona Portuária foi o teleférico da Providência, que Maurício Hora (ver item 2.1.1), afirma que não atende nem a 5% da população moradora do morro. Apesar de todas as reclamações que ouvimos a respeito da atual reurbanização, os moradores acreditam que o projeto Porto Maravilha vai melhorar a qualidade de vida na região, porém, dizem que este não foi pensado para atender melhor e de maneira ampla o indivíduo que mora na região, como uma escola de melhor qualidade, um atendimento em saúde adequado, um planejamento de transporte que beneficie a todos, pois a inversão das ruas mediante a instalação da Via Binário só prejudicou o deslocamento dos moradores para beneficiar o “desafogamento” das novas avenidas do Porto.

A partir disso, pode-se perceber que o Estado quer criar um ambiente onde ocorra a especulação imobiliária, mas sem haver integração com o Morro e os bairros mais antigos. Surgem condomínios e prédios de luxo hermeticamente fechados para não haver contato com os moradores da região. “Bom para quem?”, questiona Maurício Hora. Essa é a cidade de fachada que continua partida.

2.2 **As escolas compartilhadas do Morro da Providência**

As duas escolas estaduais – CAIC Tiradentes e Reverendo Hugh Clarence Tucker – eram separadas por turnos, e os alunos de ambas não tinham muito convívio, encontravam-se esporadicamente, porém compartilhavam do mesmo espaço. A decisão do Estado de transferir a escola CAIC Tiradentes do Caju para o mesmo espaço da Escola Reverendo Clarence Tucker foi executada para atender ao programa de UPPs no bairro do Caju. Uma das demandas principais da ocupação da escola foi a resolução dessa complexidade de ter dois “corpos coletivos” ocupando o mesmo espaço.

As salas de aula estavam com sérios problemas de infraestrutura, e o prédio não dispunha de uma caixa d’água eficiente para atender às duas escolas. A maioria dos alunos morava no Morro da Providência e nos bairros do entorno, e a faixa etária variava de 15 a 18 anos. Portanto, a escola tinha uma característica de comunidade, pois fazia parte do território da Providência. Eles utilizavam naturalmente o uso de dispositivos móveis, mas tinham mais dificuldade de acesso e uso dos computadores de mesa. Quando iam fazer o trabalho de pesquisa em algumas disciplinas, revezavam-se no computador que ficava na biblioteca. As salas de informática estavam paralisadas e com os computadores ociosos. A coordenadora da escola, Isaura Araújo, tentava junto à Secretaria de Educação uma forma de agilizar o acesso à informatização na escola, mas dependia de um acordo fechado com a operadora de telefonia Oi, que se alongava há mais de um ano para a instalação da internet na escola. As máquinas estavam sendo sucateadas.

Apesar disso, a escola possuía algumas vantagens: os alunos demonstravam ser proativos e tomavam iniciativas para tentar melhorar as deficiências que tinham nas duas escolas – CAIC Tiradentes e Reverendo. Eles se uniam com visões em comum e tinham apoio dos docentes da escola, dos pais e dos professores do pré-vestibular comunitário, que os apoiaram durante a ocupação.

2.3 **A ocupação CAIC/Reverendo: uma descrição densa**

A greve dos professores se estendia há mais de dois meses, e os alunos não sabiam quando iria terminar. Estavam preocupados em perder o ano e, por

consequência, o vestibular. O movimento de ocupação estava crescendo em todas as escolas do Rio de Janeiro, e a educação pública estava com a crise em seu ápice. Em abril de 2016, em torno de 15 alunos das duas escolas CAIC/Reverendo se organizaram e propuseram a ocupação como forma de protesto a esse descaso do governo.

A Coordenadora da escola Reverendo Tucker já pressentia um comportamento diferente dos alunos com a movimentação que estava se formando. A ocupação era latente e estava emergindo uma nova atitude e posicionamento dos alunos. Alguns dias depois da nossa última visita na escola, os alunos tomaram a decisão de ocupar o colégio, e assim os professores ficaram cientes da situação.

Alguns docentes das duas escolas que se encontravam em greve estavam diante do prédio da SEEDUC, e se dirigiram à escola para dar apoio ao movimento. Muitos pais estavam surpresos de verem seus filhos tomando uma atitude autônoma e repentina, alguns apoiaram o movimento e outros ficaram indignados com a perda de controle da Direção da escola. Muitos alunos não sabiam da ocupação e só foram saber quando viram o portão fechado e uma faixa de pano na fachada do prédio. Professores do pré-vestibular da comunidade da Providência participaram ativamente da ocupação com sua experiência. Muitos deles docentes de Filosofia, História, Matemática e Sociologia.

Soubemos da situação pelo professor Fernando Torres, de Geografia, que nos avisou sobre a prorrogação das nossas atividades de pesquisa com os alunos, por conta da ocupação. Ficamos atônitos, pois todo o cronograma da pesquisa já estava definido, o que incluía fazer mais uma oficina de fotografia e divulgação da plataforma *on-line*. Mesmo assim, não desistimos e reformulamos o nosso projeto para atender ao propósito da pesquisa.

Fomos visitar a ocupação uma semana depois para propormos uma nova oficina sobre documentário e nos deparamos com outra escola, uma nova escola com um novo modelo de atividades. Parecia uma fortaleza bem guardada e com um “motim” muito bem organizado. Não era inacessível, mas tinha códigos de acesso por meio de propostas que contribuíssem para manter a ocupação. Quem pudesse doar mantimento ou conhecimento era bem-vindo, quem quisesse cooptar o movimento ou miná-lo era barrado.

Foram em torno de 15 visitas entre a escola CAIC/Reverendo e a SEEDUC ocupadas, a cada visita uma surpresa pela organização e amadurecimento daqueles

alunos que sempre nos recebiam. Os pais visitavam com saudades dos seus filhos e com o apoio necessário para motivar estes estudantes a manter o movimento pela causa que defendiam, artistas e professores de instituições de ensino superior também chegavam com propostas de atividades educativas e de apoio à causa. Agentes do Estado “querendo ter uma conversa” para entender as suas demandas, mesmo não levando a negociação para a frente.

Professores em greve na SEEDUC chegavam à escola famintos e cansados de fazer a vigilância para que o prédio público não fosse invadido pela força bruta do Estado e os alunos ocupantes não fossem agredidos. Eram recebidos pelos alunos e os professores ativistas, os quais sempre davam suporte operacional e emocional para que o movimento tivesse um andamento pacífico e agradável, evitando assim o estresse da situação. O cuidado e o bom funcionamento eram necessários para que a ocupação repercutisse com uma legitimidade positiva perante a comunidade.

Os dispositivos e aplicativos de comunicação em rede como WhatsApp e Facebookutilizadosnos *smartphones* dos estudantes foram grandes promotores desse agenciamento coletivo. Era nesse novo território que a ocupação emergia do virtual-atual para a concretização dos discursos. Os grupos criados e a *fanpage* da ocupação eram fornecedores de “matéria-prima” e ao mesmo tempo mediadores fundamentais para que este trabalho coletivo e imaterial fosse colocado em prática.

Todas as atividades como limpeza, segurança, comunicação, preparação dos alimentos, oficinas e palestras, até a manutenção das redes elétricas e hidráulicas, eram coordenadas pelos grupos do WhatsApp. Existiam grupos que eram comissões para cada uma dessas atividades, com seus responsáveis e colaboradores.

2.3.1 O papel dos professores

Alguns alunos do CAIC/ Reverendo começaram a participar das atividades de greve dos professores na SEEDUC. Nesses encontros conversavam entre eles para definir o próximo passo da ocupação, já que identificaram alguns pontos em comum entre professores e alunos e criaram uma lista de demandas.

O papel desses profissionais foi fundamental para direcionar o movimento e resolver alguns problemas como o suporte aos estudos pré-vestibular e outras atividades de organização. Eram muitas pessoas com modos de pensar diferentes,

as diferenças apareciam entre os alunos e a participação dos professores no debate foi fundamental para controlar e resolver conflitos.

Tanto os professores da Providência quanto os do curso pré-vestibular comunitário apoiaram bastante a ocupação, pois já tinham um histórico de atuação na escola. Alguns vinham de movimentos estudantis e até de movimentos anarquistas. Alguns professores do pré-vestibular participaram ativamente da ocupação para organizar as comissões e tarefas diárias, apoiar a ocupação da SEEDUC fornecendo comida e abrigo para o descanso de outros professores que estavam em greve na frente do prédio da Secretaria.

2.3.2 A dinâmica do funcionamento cotidiano

A organização da ocupação era baseada em comissões sem hierarquia, com total autonomia sem qualquer ligação com as principais entidades estudantis. Fazia parte de um processo de aprendizagem, de saber a importância de um coletivo ou de uma assembleia. A maioria dos alunos não sabia como funcionava a dinâmica de uma organização política.

No dia a dia das assembleias, definiam-se todos os passos a serem dados ou as atividades a serem realizadas. Os estudantes se alteravam entre as funções de cada comissão: comunicação, limpeza da escola, segurança, alimentação. Cada tarefa era uma nova experiência, em que as decisões compartilhadas geriam a ocupação. A comissão de alimentação preparava os alimentos doados por simpatizantes do movimento e a comissão de limpeza trabalhava com a limpeza dos banheiros e salas utilizadas. A principal área de convívio era a biblioteca, onde havia internet, projeção de *data show* e um grande espaço para as assembleias, eventuais oficinas e palestras. Durante o dia, escolhiam filmes documentários e filmes indicados pelos professores, recebiam educadores com suas propostas de oficinas, palestras e debates, preparavam lanches para receberem estas pessoas.

No dia 3 de maio, fomos recebidos pelos alunos, junto com um chileno documentarista que vivenciou a revolução dos secundaristas em seu país – *La revolución de los pinguinos*. Acompanhamos a organização do movimento e propusemos duas oficinas para a turma do Ensino Médio: uma sobre produção de documentário e outra sobre a captura de imagens com *smartphone* e inserção na plataforma Dito Popular.

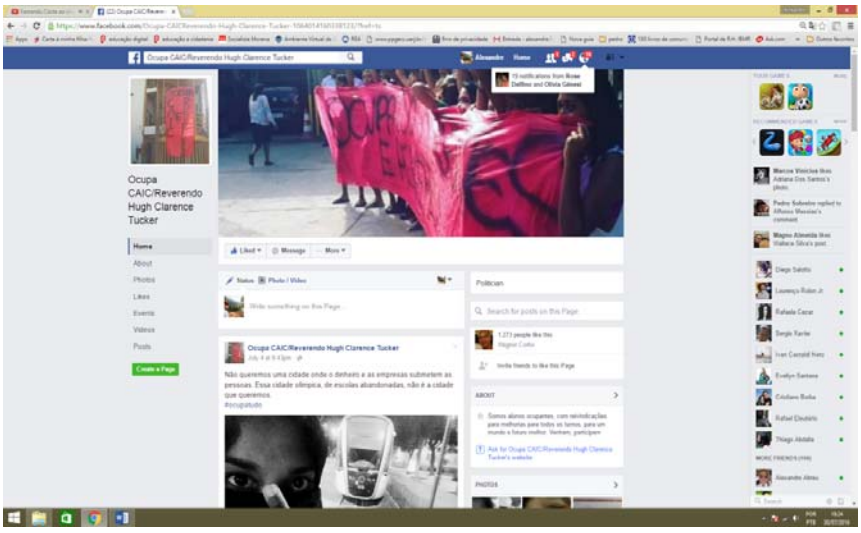
Após a elaboração de um calendário para as oficinas, fomos convidados pelos secundaristas para tomar um lanche, mas durante o preparo da refeição, o serviço de energia elétrica foi interrompido. Todos ficaram preocupados com a possibilidade da falta de energia se estender até a noite. Vendo a situação preocupante, observamos como os alunos resolveram com o uso de habilidades específicas em vista de um problema.

O fato de fazerem a rotatividade nas comissões de comunicação, limpeza, segurança, alimentação, comissão de organização de palestras e oficinas, e outras, fez com que os alunos se empenhassem e ficassem motivados durante a ocupação, e que também descobrissem a melhor forma de ajudar com suas competências e habilidades.

2.3.3A tecnologia e a narrativa sobre a ocupação

Para obter uma coordenação das atividades, os jovens da multidão esperta utilizavam muito o aplicativo WhatsApp para agendamento e comunicação interna. A comunicação externa era realizada pela *fanpage* do Facebook. O estudante, como "prosumidor" que produzia e ao mesmo tempo em que consumia a informação pelo Facebook e WhatsApp, estava sendo participante pleno da cultura da convergência (JENKINS, 2006) e via a oportunidade de expressar seus sentimentos, unir conhecimentos pelo trabalho coletivo e, sobretudo, compartilhar uns com os outros. O território estava emergindo, uma narrativa foi posta em pratica por meio das redes sociais e dos aplicativos.

Figura 1. Página do Facebook da Ocupa CAIC Reverendo



Fonte: Página inicial da *fanpage* Ocupa CAIC/Reverendo, 2016

A *fanpage* do Facebook foi elaborada por uma comissão de comunicação e com a diagramação padrão da rede social, com a inserção das imagens do perfil das faixas e bandeiras intituladas com o nome OCUPA CAIC/ Reverendo Hugh Clarence Tucker.

Em relação ao conteúdo, foram postados vídeos de negociações com funcionários da SEEDUC, vídeos sobre a denúncia da rede de água da escola, depoimentos dos pais apoiadores e advogados comentando sobre os direitos dos estudantes em relação à ocupação. As fotos eram referentes aos passos dados nas negociações com a SEEDUC e fotos do trabalho coletivo nas instalações da escola, além de fotos sobre os protestos dos alunos em frente ao prédio da SEEDUC e das oficinas e palestras realizadas na escola. Os compartilhamentos de matérias de outras ocupações pelos secundaristas também eram postados na página.

2.3.4 O conhecimento dos alunos sobre o movimento

Pôde-se observar que, no início da ocupação, alguns alunos não conheciam o movimento, pois as escolas não se comunicavam frequentemente. Só quando chegavam à porta da escola viam o portão fechado e a faixa hasteada na frente. Alguns alunos mais ativos começaram a participar sem ter uma ideia definida do que seria este acontecimento. Muitos alunos nunca tinham participado de um debate ou assembleia. À medida que iam chegando, comunicavam aos pais e colegas sobre ocupação, e aos poucos as pessoas iam tomando conhecimento. Os pais vinham conferir se a escola estava realmente ocupada, alguns apoiavam o movimento, outros não. Os alunos que tinham interesse passavam o dia para entender a dinâmica da ocupação. Alguns ficavam, outros não. Outro aluno que participou da ocupação disse que não sabia do movimento, até chegar um dia e encontrar a escola ocupada.

2.3.5 O papel do aluno

Era um consenso entre os alunos que a situação das escolas estava muito ruim. Foi a partir da greve dos professores que enxergaram a possibilidade de reivindicar algumas pautas que diziam respeito a eles e estavam para serem

atendidas há algum tempo. Eles não aceitavam as condições deficientes na estrutura dos prédios, a precariedade no trabalho dos professores cujos efeitos se manifestavam nas salas de aula, as deficiências técnicas e de pessoal. Os alunos receavam repetir o ano e não passar no vestibular. Esses foram alguns dos motivos da eclosão da ocupação. Os alunos das duas escolas CAIC Tiradentes e Reverendo foram criando um “amálgama” durante a sua convivência e tomando conta da situação em que se encontravam. Alunos insatisfeitos presenciavam a deterioração da escola e da educação pública, além da iminência de um caos engendrado por um governo corrupto e irresponsável que se arrastava com o descalabro das obras para as Olimpíadas.

2.3.6 A carta anônima e o movimento de desocupação

Em uma de nossas visitas na ocupação, surgiu uma carta anônima entregue por uma criança moradora do morro. Os alunos decretaram uma reunião emergencial para discussão do conteúdo: uma proposta de um movimento de desocupação dos alunos, que era chamado de “DESOCUPA”. Os jovens decidiriam fazer uma reunião emergencial onde propunham fazer uma reunião com representantes da SEEDUC e discutiram se abririam os portões para os representantes da entidade entrarem ou se a reunião ocorreria em outro lugar. Nesse caso, tinham medo do risco de retomarem a escola. Uma consequência do alerta dado pela carta do movimento “DESOCUPA”. Eles sabiam que qualquer decisão errada poderia prejudicar o movimento; portanto, deveriam priorizar a segurança e ter controle do acesso à escola.

2.3.7 As reivindicações

A maior reivindicação dos alunos foi com relação à deficiência da infraestrutura do prédio, sem capacidade de funcionamento de duas escolas. Além disso, a caixa d’água ainda era compartilhada com uma creche, as salas estavam sem acústica, sem iluminação adequada, a refrigeração era insuficiente, e o elevador não funcionava. Outro problema operacional era a biblioteca, que possuía restrições, já que os alunos não podiam retirar livros. A biblioteca era utilizada muito

mais para abrigar eventos, palestras ou visitas. As salas de informática estavam ociosas por não possuir suporte técnico e com equipamentos sucateados.

Os alunos criaram uma lista de demandas para apresentar ao Secretário de Educação. Na lista constavam: área de recreação; porteiro; regularização da situação do RioCard*;* abertura das salas de química e de informática; professores em todas as disciplinas, pois faltavam professores de Química, Física e Português; menos alunos por turma; caixa d'água própria; abolição do Saerjinho; conserto dos elevadores; conserto e manutenção do ar-condicionado; prédio próprio com estrutura de aula adequada; iluminação; eleição direta para diretor(a); saída de emergência; fim do currículo mínimo.

2.4 **A invasão da SEEDUC**

Já entrávamos em maio, e as escolas ocupadas nem sequer haviam sido atendidas com suas demandas pelo Secretário da Educação, conforme havia sido negociado. Então, foi feita uma assembleia da qual alunos de 17 escolas participaram. Na ocasião, decidiram que deveriam ocupar o prédio da SEEDUC para pressionar o Governo.

Pela proximidade da escola, a maioria dos alunos que ocupou o prédio da Secretaria de Educação era do CAIC/Reverendo e eles participaram ativamente desse processo. Mesmo com a determinação da Juíza Estadual para desocuparem todas as escolas estaduais parcialmente, eles mantiveram a ocupação total desobedecendo à ordem judicial.

O apoio de alimentação para esses secundaristas era dado pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE), os professores entregavam a comida para os alunos ocupantes, mas quem realmente ajudava o SEPE eram cidadãos e professores simpatizantes com a causa, e que doavam alimentos ou emprestavam dinheiro com a garantia de ressarcimento pelo SEPE. Mesmo assim, os professores não tinham uma data certa desse ressarcimento.

A Escola CAIC/Reverendo foi a base de apoio à ocupação da SEEDUC; alguns alimentos doados eram preparados na cozinha da escola e entregues posteriormente por alunos da CAIC/Reverendo e professores do movimento grevista.

Na ocupação da SEEDUC, existia também uma rotina que os jovens secundaristas seguiam, desde as confecções de cartazes e faixas, postagem nas redes sociais, até vigilância e segurança dos ocupantes. À noite, discutiam as atividades do dia seguinte e dormiam no chão em sacos de dormir.

À espera de um desfecho no atendimento das pautas específicas, eles trocavam mensagens pelo WhattsApp em um grupo fechado com os professores e alunos que estavam do lado de fora para saber a repercussão do movimento.

A negociação com o Estado estabelecia que fossem atendidas ao menos três pautas de cada escola. Isso fez com que mandassem representantes da Secretaria para as escolas. Tinham até feito um contrato para alguns alunos acompanharem o pessoal da SEEDUC nas visitas, mas as demandas não foram atendidas por completo, somente conseguiram uma verba de R$ 30.000,00 por escola para reparar problemas de infraestrutura.

2.4.1 A desocupação da SEEDUC: ordem judicial

A greve já durava cinco meses, e os professores do Estado estavam bem cansados da intensa negociação com o governo para encerrar com a paralisação. O Estado estava sem caixa, e o SEPE resolveu encerrar após um acordo para ressarcimento dos descontos efetuados na folha dos professores, pois a Justiça entendeu que foi uma greve abusiva. A reposição das aulas também foi negociada mediante a lei de obrigatoriedade de 200 dias de aula no ano letivo.

O movimento de ocupação nas escolas estaduais foi perdendo a energia já que os professores estavam retornando às aulas, e os alunos estavam bem preocupados com o ano letivo e o vestibular.

Por uma ordem judicial emitida, os alunos tiveram de desocupar o prédio público da SEEDUC, mas antes eles se organizaram e combinaram com a Polícia Militar a melhor maneira de desocupar com um ato simbólico saindo de mãos dadas formando um “cordão de resistência”.

2.5 **Observação participante**

1º semestre de 2015: contato com a burocracia

Em abril de 2015, nos aproximamos da Escola Estadual Reverendo Clarence Hugh Tucker, e a coordenação nos apresentou as dificuldades que se enfrentam para realizar uma pesquisa de mestrado, principalmente uma pesquisa na área de humanas.Tivemos de passar por um processo de aprovação exigido pela SEEDUC, que incluía os seguintes documentos:

- Projeto de pesquisa dentro das normas da ABNT, contendo as seguintes informações: introdução, objetivo geral, objetivo específico, metodologia, referências bibliográficas;
- Modelo de autorização que é utilizada para a realização das pesquisas (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- Parecer do Comitê de Ética da Instituição de vínculo, aprovando a realização da pesquisa;
- Ferramentas de pesquisas: questionários e fichas;
- Cronograma de execução das atividades;
- Declaração simples de que conste a qualificação do pesquisador e a declaração expressa de que se compromete a disponibilizar os resultados das pesquisas realizadas nas unidades escolares.

A documentação para iniciar a pesquisa era extensa e precisaria de um aval da SEEDUC. Coletamos informações e elaboramos todos esses documentos em uma semana. Levamos a documentação ao setor responsável, assinamos e protocolamos. Recomendaram-nos a acompanhar o processo de autorização pela internet. Duas semanas depois, recebemos um *e-mail* dizendo que ainda faltava um documento para dar continuidade ao processo de autorização. Foi aí que nos deparamos com a dificuldade do pesquisador com tantos trâmites burocráticos para se realizar uma pesquisa. Esse documento já tinha sido enviado, mas eles alegavam que não tinham recebido.

O cronograma estava correndo, e não tínhamos muito tempo a perder com essa burocracia. A solução foi recorrer ao professor Fernando Torres, que já estava com um projeto de coleta de depoimentos que poderiam fazer parte da plataforma Dito Popular.

1º semestre de 2015: primeira atividade com os alunos

Na primeira fase da pesquisa, com base na disciplina de Geografia, em maio de 2015, propusemos aos estudantes a atividade de coleta de depoimentos dos moradores da região. Os alunos não demonstraram nenhum interesse pela proposta, seja por desconhecimento do processo, seja por não conseguir resposta dos entrevistados ou pela desconfiança destes em não responder. Porém, duas alunas que se prontificaram a ir à casa de uma antiga moradora e conseguiram coletar informações sobre a vida da região naquela época.

Na entrevista que aconteceu na casa da Dona Idea, éramos cinco: o professor de Geografia, eu, as duas alunas e uma estagiária da escola. Acomodamo-nos na sala. A entrevistadora se colocou ao lado do sofá, e a outra aluna ficou de frente para Dona Idea para capturar a imagem e o áudio pelo celular.

Antes de começar, explicamos para a aluna o que era um enquadramento e como ela deveria efetuar o enquadramento da cena e alguns movimentos de câmera. O professor de Geografia ainda deu algumas dicas de perguntas de um roteiro preexistente, mas o intuito era que os estudantes elaborassem suas próprias perguntas. Então, começamos o trabalho.

As primeiras perguntas foram referentes a saneamento, transporte, segurança e oportunidades de trabalho. As perguntas das jovens relacionadas a oportunidades de trabalho estavam sempre vinculadas ao Estado, visto como patrono e empregado. A aluna que entrevistava estava com o uniforme do Senai. Isso chamou minha atenção.

Após esse primeiro depoimento, chegou a época das provas e das férias, e os calendários das entrevistas foram sendo postergados. A atividade não se estendeu, pois o professor tinha de cumprir o cronograma do ano letivo.

2º semestre de 2015: segunda atividade com os alunos. Uma nova tentativa

Palestras

No segundo semestre de 2015, estávamos empenhados em criar uma nova atividade. A proposta era a captura de imagens da reurbanização da região portuária. Então, realizamos uma palestra sobre técnicas fotográficas e audiovisuais, além de uma apresentação para divulgar a plataforma Dita Popularaos alunos do ensino médio.

Tivemos alguma dificuldade para realizar a palestra, já que foi preciso convencer a coordenadora a ceder o espaço da biblioteca, onde poderíamos usar o *data show* e um computador de melhor configuração para a apresentação de imagens e vídeos. A escola, apesar de ser divulgada como bem aparelhada, não possui uma sala de informática em funcionamento para os alunos, a rede *wi-fi* que seria instalada pela operadora Oi não aconteceu.

O dia marcado para a palestra coincidiu com a visita da consulesa americana, que estava lá para divulgar uma parceria da escola com uma instituição de ensino do idioma inglês. Nesse dia, a prioridade do uso do *data show* foi para a palestra dela. Mesmo assim, o inspetor Pedro conseguiu preparar uma máquina da biblioteca e um monitor virado para a turma. Assim, pudemos apresentar o conteúdo abordado.

A maior parte dos alunos estava atenta, mas muitos deles consultavam e digitavam em seus celulares. Apresentamos as técnicas de enquadramento, perspectiva, luz, contraluz, e o olhar do fotógrafo por meio de alguns exemplos de fotos com temas variados. No caso do audiovisual, apresentei o depoimento da antiga moradora gravado pelas duas estudantes, mostrando técnicas de enquadramento fechado, panorâmica, primeiro plano e segundo plano. Nosso objetivo com essa palestra era fazer com que os jovens se apropriassem da linguagem do audiovisual, aplicando-a em seus trabalhos de forma criativa.

Percebemos também que durante a palestra eles mandavam mensagens peloWhatsApp*,* o aplicativo mais usado por esses jovens, pois alguns pacotes pré-pagos de telefonia disponibilizam esse serviço gratuitamente. Quando perguntamos sobre seus *e-mails*, eles disseram que não os acessam diariamente, e que era melhor que mandassem uma mensagem pelo WhatsApp.

No fim da palestra, alguns alunos apresentaram as fotos que capturaram com a câmera de seus celulares; fotos da orla da Zona Sul carioca, *selfies* e saguões internos de *shopping centers*. Foi uma surpresa não haver fotos do bairro, da casa deles e dos amigos.

Em relação à produção da plataforma multimídia, mesmo tendo realizado outra palestra, não conseguimos despertar o interesse dos alunos. É possível que os problemas do equipamento tenham sido uma das causas, além da falta de um *notebook* e um *data show*. Mesmo tendo criado um grupo pelo *e-mail*, não conseguimos a adesão dos alunos ao projeto. O interesse dos alunos por qualquer

atividade proposta pelo professor, pela coordenação ou por um mestrando com sua pesquisa não conseguia o engajamento dos alunos. Estávamos diante de um desafio, devíamos repensar nossa abordagem.

Então, surgiu a ideia de fazermos um registro fotográfico sobre o percurso do VLT e a reurbanização da região com o projeto Porto Maravilha. Mas a burocracia para conseguir autorização com a Concessionária do VLT acabou por atrasar toda atividade proposta e ficamos mais uma vez perante os obstáculos para a aplicação da nossa pesquisa. Contudo, já apareciam sinais de insatisfação com a educação pública que começou com a greve dos professores e refletiu na demanda dos alunos por ter mais atenção do Estado à precarização das escolas.

1º semestre de 2016

Algumas semanas depois da apresentação da proposta de trabalho sobre o registro do percurso do VLT, em meados de março, reunimo-nos com a professora e coordenadora da escola Isaura Araújo, para iniciar a atividade de pesquisa junto com o professor de Geografia Fernando Torres, que propunha essa atividade para a sua disciplina. Além da burocracia da concessionária comentado acima, e como era uma proposta que vinha de cima para baixo, não despertou interesse entre os alunos e a atividade não teve muita adesão. Nesse momento, recebemos a notícia de que os alunos estavam planejando ocupar a escola e aderir ao movimento de greve dos professores do Estado. Foi então que chegamos à conclusão de que seria impossível continuar com nossa proposta; devir.

2.6 **A ocupação e a reformulação da pesquisa**

A ocupação aconteceu dia 16 de abril e todas as atividades escolares foram paralisadas pelo movimento. Em meados de abril de 2016, a escola foi ocupada pelos alunos e logo em seguida, três semanas depois, a SEEDUC foi ocupada. A ocupação foi emblemática, estratégica e localizada em um território de resistência tradicional, que é o Morro da Favela. Por ser a escola estadual mais próxima da SEEDUC, tornou-se a base de apoio aos estudantes secundaristas que ocupavam o prédio público.

Com isso, observamos que a ocupação, por si só, já era uma prática vinda de baixo para cima. Modificamos o foco da pesquisa para uma observação participante.

Fomos visitar a escola dia 20 de abril para um primeiro contato com os alunos ocupantes e conhecemos o Mateus, que nos explicou todo o movimento de ocupação. Cada dia que voltávamos lá, percebíamos a mudança de rotina e a organização dos alunos. A escola não tinha mais a “cara” de uma escola tradicional, a ocupação se transformava e transformava o espaço escolar conforme a coesão entre os alunos aumentava.

O apogeu da ocupação se deu quando a escola CAIC/Reverendo se tornou uma espécie de QG para apoio aos estudantes que ocupavam o prédio público da SEEDUC. Eles estavam muito ativos, com comissões planejadas e assembleias com pautas bem demarcadas. A biblioteca tinha virado um dormitório e também um auditório para apresentação de filmes com projeção na parede. Ficamos com eles durante duas horas, observando a rotina daquela turma que parecia mais um acampamento, com suas atividades muito bem organizadas. Assistiam a filmes documentários na biblioteca, enquanto outros adicionavam informações sobre a ocupação no Facebook, outros trocavam mensagens pelo celular e alguns faziam o lanche na cozinha.

A primeira percepção que tivemos na escola quando iniciamos nossa abordagem, de uma maioria de alunos passivos no espaço escolar, muda agora para a percepção de uma subjetividade coletiva altamente dinâmica e participativa. A aprendizagem estava em processo de construção coletiva. Alguns alunos foram entrevistados durante a ocupação. Abaixo, segue transcrita a entrevista com um dos alunos.

2.6.1 Conversa com Mateus

Mateus, um aluno de 17 anos da Escola Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker foi um dos melhores informantes sobre a ocupação. Ele era o responsável pela segurança e o acesso à escola; foi um dos alunos que mais participou das atividades de várias comissões; possuía habilidades de comunicação interpessoal e tinha bons conhecimentos sobre problemas elétricos e hidráulicos, sendo um participante fundamental para o bom funcionamento da ocupação. Conversamos sobre a possibilidade de realizar oficinas de audiovisual e palestras, ele anotou em um quadro localizado na biblioteca o tema da oficina e os palestrantes, anotou meu

telefone em um caderno de oficinas e disse que iria levar a proposta para ser discutida em assembleia e que entraria em contato. As assembleias ocorriam na parte da tarde e que naquele dia mesmo já colocaria em pauta esta oficina de audiovisual.

Na semana seguinte, compramos algumas frutas, macarrão, papel higiênico para doar para a ocupação e entregamos ao Mateus. Questionado sobre a proposta de realização das oficinas, ele nos contou que estas foram paralisadas por conta da ocupação no prédio da SEEDUC. Nesse momento, começamos a observar a movimentação na escola e percebemos a organização dos alunos discutindo os próximos atos e mobilizações na SEEDUC. A escola havia se transformado em um QG de apoio aos ocupantes da SEEDUC. Havia sempre um entra e sai de alunos e professores ativistas indo ou vindo da SEEDUC, seja para buscar mantimentos, descansar ou discutir sobre os próximos passos da ocupação ao prédio público.

Mateus recebia as provisões e doações e marcava em um caderno o que tinha entrado; ele disse que o que mais precisava naquele momento era água e papel higiênico. Alguns mantimentos permaneciam na escola e outros eram encaminhados à SEEDUC. Muitas vezes alguns pais iam visitar a escola para saber se estava correndo tudo bem, abraçavam os filhos e davam força para manter o movimento, porém outros pais queriam que isso acabasse o mais rápido possível, não queriam que os filhos perdessem o ano.

Mateus recebia professores, pesquisadores, documentaristas, representantes do Ministério Público e até representantes de grandes movimentos estudantis como UBES e UNE. Ele não sabia como isso repercutia tanto, e dizia que nunca tinha visto a sua escola tomar uma grande importância daquele jeito. Demonstrava ter um cuidado para que nada interferisse ou influenciasse no movimento tão precioso que tinham construído, inclusive não deixando que estes movimentos estudantis cooptassem a ocupação como sendo iniciativa deles.

2.7 **Narrativas sobre a pesquisa e a ocupação**

Conforme entrevista com o fotógrafo Maurício Hora, descrita no item 2.1.1, ficamos conhecendo a história do morro e de sua pobreza e também da riqueza artística que possuem na região como a fotografia, o grafite, a poesia e a música.

Um aluno de arquitetura da UFRJ também estava lá para saber um pouco mais sobre a reurbanização da região na visão dos moradores e o que eles achavam do Projeto Porto Maravilha. Maurício começou dizendo que discute sobre a região desde 1994 e que iniciou uma pesquisa para organizar a comemoração de 100 anos do Morro da Providência, evento que aconteceu em 1997. Ele comentou sobre um fato acontecido com uma detetive da Polícia Civil que, em 1991, estava fotografando a região e foi morta pelos traficantes, em resposta à Operação Mosaico que aconteceu em 1988.

Desde então, a força do tráfico impedia o uso de máquinas fotográficas na região, mas o Maurício, nascido na Providência, como já tinha interesse pela fotografia, começou a tirar fotos da região e enxergou a fotografia como uma arma de denúncia sobre o descaso da Prefeitura em relação à favela. Ele comentou que resolvia os problemas do bairro com uma simples foto, denunciando a queima do lixo, os problemas de saneamento. Porém, em razão disso, foram aparecendo outros problemas, como a Polícia, que o “marcava” com o seu trabalho de fotógrafo.

Esse trabalho que ele fez dos 100 anos do Morro da Providência ficou conhecido por um estudante francês que levou o trabalho dele para a França e que rodou várias faculdades de arquitetura. Quando voltou para o Brasil, resolveu fazer a exposição no Centro Cultural Jose Bonifácio, onde tomou uma grande proporção como sendo um “grito” do Morro por ainda não ter sido beneficiado com o projeto favela-bairro da gestão de Cesar Maia em 1998. Isto gerou uma guerra entre os serviços públicos em relação ao seu trabalho. Um dos exemplos que ele deu foi o ódio que a Secretaria de Obras tinha dele, e em contrapartida, o amor que a Secretaria da Cultura tinha por ele. Foi aí que ele viu a fotografia como instrumento de transformação, pois estava incomodando a Prefeitura com suas fotos denunciando este abandono urbano.

Ele citou sobre um caso de uma das apresentações dos projetos de reurbanização que a prefeitura fez junto com mais alguns investidores para a Associação dos Moradores da Providência. Em certo momento da apresentação, Maurício resolveu mostrar algumas imagens recentes sobre as condições precárias em que a região se encontrava. Com isso, ele percebeu que os empresários ficaram assustados e acrescentou uma passagem da infância dele em que costumava “bagunçar” e tocar as campainhas dos moradores mais elitizados da região que tinham preconceito contra o pessoal que morava na favela. Ele terminou a sua

apresentação dizendo que não adiantava apresentar um grande projeto urbano sem compartilhar os benefícios com os mais necessitados, pois se atendesse somente a região do Píer e do Porto, o morro desceria para “tocar a campainha” desse empreendimento.

A partir daí, a Prefeitura chamou o Maurício junto com alguns moradores influentes do bairro para discutir quais seriam as propostas que melhor atenderiam às demandas da região. Então, o Maurício sugeriu a construção de uma Vila Olímpica para atender aos jovens, em uma área de um pátio ferroviário, e também uma escola de ensino médio. Foi muita briga, mas essas demandas foram atendidas.

Neste novo projeto do Porto Maravilha, o grande problema foi que a favela da Providência é portuária. Então, 80% dos moradores eram envolvido com o Porto, mas esse mercado foi caindo e sendo sucateado desde a década de 80. Vários trabalhadores perderam seus trabalhos e uma grande parte foi morar em Sepetiba, como já dissemos. Com isso, essa região sofreu um abandono que acabou gerando muita violência durante os anos 90.

Já nos anos 2000, o morro entrou no projeto Favela-Bairro, porém de uma forma paliativa, em uma proposta de Museu a Céu Aberto com mirantes, dando uma infraestrutura sem muitos custos. Quando vimos que a prefeitura não ia investir mais no Morro, entramos com uma proposta do Quilombo da Pedra do Sal, mas isso gerou muita controvérsia com a Igreja, pois ela se dizia proprietária da região. Quando foi visto que a Igreja não tinha direito sobre as casas do morro, fizeram um estudo e confirmaram que o território quilombola tinha uma extensão bem maior que somente a Pedra do Sal, e isso foi alegado por uma historiadora e antropóloga com aval da UFRJ.

No projeto atual do Porto, algumas casas foram marcadas para a remoção devido à construção do Teleférico, foi aí que o Maurício percebeu que aquele projeto de ajuste estético da favela iria acontecer de outra forma.

2.7.1 Conversa com Pedro Oliveira

Pedro, o inspetor de segurança da Escola Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker, era também responsável pela instalação e manutenção dos equipamentos de informática.

Encontramo-nos no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS), onde Pedro estuda. Na ocasião, ele comentou que a ocupação da escola CAIC Reverendo, teve uma forte influência das outras escolas que estavam sendo ocupadas, principalmente a Escola Mendes de Moraes, localizada na Ilha do Governador. Pedro Oliveira mencionou o professor Pedro Freire, de Sociologia, e uma peculiaridade sobre o apoio dos pais e o papel fundamental dos docentes da Associação Pré-Vestibular do Morro da Providência envolvidos no apoio à ocupação. Disse também que a ocupação era apartidária e que alguns professores estavam apoiando seus alunos para elaborar demandas e enviar para o Secretário de Educação.

2.7.2 Entrevistas com os alunos Patrick de Luca e Lucas Henrique

Duas semanas depois do término da ocupação, voltamos à escola e entrevistamos dois alunos da Escola CAIC Reverendo na sala de biblioteca, onde também puderam responder ao questionário sobre o uso das tecnologias digitais de comunicação.

Patrick, o primeiro aluno da Escola Reverendo, com 17 anos de idade no 1º Ano do Ensino Médio, estava vestindo um chapéu de pano e aparentando ser bastante consciente da sua posição política. Perguntei a ele sobre o início da ocupação, e ele disse que não sabia, pois estudava à tarde e tudo tinha começado com a escola CAIC Tiradentes durante o período da manhã. Patrick ainda disse que o aprendizado da ocupação foi a nova experiência da convivência e compartilhamento do mesmo espaço, da consciência por seus direitos e de como se faz política. Os alunos saíram de lá com novas informações com professores e outros alunos, o que favoreceu bastante para a integração e a consciência do “outro”. A passividade estava com seus dias contados.

Patrick comentou que, na primeira semana que ocuparam o prédio da SEEDUC, a divisão do CHOQUE da PM entrou às 3 horas da manhã sem mandado judicial, o que gerou problemas e desconforto para as autoridades. Muitos estudantes passaram mal, houve desmaios e tumulto, conseguindo efetuar a desocupação do prédio, mas na semana seguinte os alunos voltaram a ocupar novamente, pois houve muita repercussão negativa para a PM e a manifestação tomou um caráter de protesto. Muitos professores grevistas estavam ocupando a praça em frente ao prédio da Secretaria e, quando os alunos ocuparam a Secretaria, alguns professores se instalaram na frente para garantir que a polícia não tomasse nenhuma atitude drástica, pois se tratava também de menores de idade que estavam lá. Havia uma preocupação com a integridade física dos alunos.

Dentro da Secretaria, os alunos observaram a diferença de estrutura que possuíam os funcionários com bons cargos e os funcionários terceirizados. As instalações eram precárias para os terceirizados enquanto que para outros eram salas espaçosas e bem estruturadas. Patrick mencionou da sala do Secretário Wagner Victer como se fosse uma sala de “gente rica”.

Patrick comentou que tanto no Rio quanto em São Paulo, as ocupações contribuíram com o aprendizado dos alunos, pois passaram por uma experiência política, de organização, de convivência e empatia com o “outro”, além da consciência de participar ativamente na sua própria educação.

A resistência, porém, continuou. Alguns colégios permaneceram ocupados parcialmente – como a Escola Estadual Amaro Cavalcante, no Largo do Machado –, mas com tantas dificuldades e a queda das doações de alimentos para a ocupação, tornou-se inviável mantê-la, e tiveram de recorrer às refeições da escola, ou pedir dinheiro na rua e até vender doces para continuar. Patrick disse que começou a ocupar a CAIC Reverendo, depois foi para a SEEDUC e no final foi para a Escola Estadual Amaro Cavalcante.

A desocupação do prédio público da SEEDUC foi feita com um cordão humano de isolamento com os professores para os alunos saírem com as mãos dadas, e assim encerrando a ocupação com um ato previamente negociado com a polícia para não ter nenhuma forma de repressão. No fim, as exigências não foram atendidas, pois não deixaram os estudantes mais entrar no prédio para realizar uma assembleia de participação das decisões.

Graças às tecnologias de comunicação, os estudantes puderam realizar uma ocupação bem integrada. Existia uma comissão de comunicação para gerenciar toda a informação que era fornecida aos participantes. O aplicativo WhatsApp deixava todos os participantes informados das ações, era uma ferramenta de comunicação interna, enquanto o Facebook era uma ferramenta de comunicação para a comunidade e seguidores se manterem atualizados.

Outro aluno que participou da ocupação disse que não sabia do movimento, até chegar um dia e encontrar a escola ocupada. Alguns começaram a ocupar sem ter uma ideia definida do que seria este acontecimento, muitos alunos nunca tinham participado de um debate ou assembleia. Lucas Henrique Meirelles de 15 anos foi um deles.

Sem saber do que se tratava já no segundo dia de ocupação, ele participou de assembleias que duravam em torno de duas horas e que decidiam sobre tudo. As atividades eram determinadas, e os alunos se dividiam em grupos para executá-las. As atividades eram diversas, como a limpeza da biblioteca, das salas de aula, fazer a comida, marcar oficinas e palestras. Para obter uma coordenação das atividades, eles utilizavam muito o aplicativo WhatsApp para agendamento e comunicação interna.

Era um consenso entre os alunos de que as coisas estavam muito ruins e a partir da greve dos professores eles enxergaram a possibilidade de reivindicar algumas pautas que precisavam ser atendidas já há muito tempo. Eles não aceitavam as condições precárias do professor que também recaiam sobre eles, a estrutura do prédio e condições necessárias para o funcionamento estavam deficitárias. Os alunos se preocupavam em ter que repetir o ano, passar no vestibular. Esse foi um dos motivos da eclosão da ocupação.

Após a ocupação, as exigências ainda não foram atendidas, mas ficou o aprendizado de lutar, resistir e exigir. Lucas conta que aprendeu a resistir.

2.7.3 Entrevista com Pedro Freire

Após o término das ocupações, na tarde de 11 de julho, entrevistamos Pedro Freire, professor de Sociologia do Colégio CAIC Tiradentes, em plena Praça da Harmonia, região da Gamboa. Pedro era um dos líderes da greve dos professores estaduais e ficou sempre presente junto com outros professores grevistas e ativistas

na frente da SEEDUC, apoiando os alunos ocupantes, em sua maioria eram das escolas CAIC/Reverendo, sempre vigiando qualquer ação de confronto com a Polícia Militar, que se encontrava posicionada no portão do prédio esperando qualquer ordem de invasão. Pedro Freire foi nosso informante a respeito da história das ocupações no Rio de Janeiro; em especial, conversamos sobre a ocupação da escola CAIC Reverendo.

Sentamos em um bar estilo pé-sujo e pedimos duas garrafas d'água. A praça era um canteiro de obras que aparentava estar em desarmonia com o cronograma do percurso central do VLT prestes a ser entregue para as Olimpíadas. Iniciamos a entrevista com a pergunta sobre como emergiu a ocupação. Ele nos respondeu que os alunos fizeram isso sozinhos e não tiveram contato com entidades e nem professores. Havia surgido a partir de um processo progressivo de várias ocupações pelo Estado, em torno de 20 ocupações por semana. O processo começou com a ocupação do Colégio Estadual Mendes de Moraes, localizado na Ilha do Governador[15].

Pedro ainda disse que a mudança de comportamento do aluno da CAIC Reverendo foi bem interessante e diferente, pois esse trabalho político não contou com nenhuma organização estudantil como a Ubes ou Anel, mas contou com o apoio dos professores e alunos do pré-vestibular comunitário do Morro da Providência, uma iniciativa que emergiu da própria comunidade. Isso provocou o engajamento com muita integração, sentimento de pertencimento e protagonismo total dos estudantes daquela(s) escola(s).

2.8 **Perfil dos alunos**

Coletamos os dados dos dois alunos entrevistados por meio de um questionário elaborado para identificar o uso de celulares e aplicativos. Foi constatado que o uso do dispositivo móvel/celular é 100% predominante, e a maior parte do tempo, para acessar as redes e utilizar aplicativos como jogos *on-line* e mensagens instantâneas. Em média, esses jovens ficam seis horas por dia

[15]A Escola Estadual Mendes de Moraes, localizada na Ilha do Governador, foi a primeira ocupação organizada pelos secundaristas do Rio de Janeiro em 21/03/16. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/escola-na-ilha-do-governador-ocupada-por-manifestantes-18929687>.

utilizando os pacotes de dados do celular. A média de idade dos alunos que ocuparam a escola foi de 16 anos.

A média de tempo que já utilizam as redes sociais gira em torno de cinco anos. OFacebooké o mais utilizado para compartilhar matérias e comentar os *posts*, e o aplicativo WhatsApppara a comunicação com grupos criados com propósitos definidos. As redes são acessadas 80% das vezes pelo celular e por 20% das vezes em computadores pessoais. Os sistemas operacionais dos celulares mais utilizados são o Android 70% e o Windows 30%,

Aprenderam a utilizar a internet sozinhos, possuem televisão e rádio em casa, mas preferem assistir a filmes pelo Youtube. Frequentam jogos *on-line*, como o LOL (League of Legends), CS-GO e futebol. Participam de grupos de discussão sobre racismo, homofobia, machismo, feminismo, cannabis e origami.

A preferência por utilizar celulares em vez de computadores é bem evidente, isso demonstra que o dispositivo móvel é uma ferramenta essencial e prática no cotidiano destes jovens. A interface é cada vez mais intuitiva e muito mais operacional que os sistemas complexos dos computadores *desktop*.

Essa geração de jovens “Polegarzinha” optou por uma ubiquidade composta pela mobilidade, conectividade e aplicabilidade de todos estes recursos disponíveis em celulares *smartphones* e pacotes de dados cada vez mais acessíveis à população.

3 ESTUDO DE CASO: A OCUPAÇÃO

A princípio, a intenção, com a aplicação de práticas inventivas para a realização das primeiras atividades sem sucesso, era utilizar o método cartográfico com o intuito de analisar a produção de subjetividade na Escola Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker. Porém, durante o processo de ocupação, alternamos para uma observação participante em que pudemos registrar e analisar a produção de subjetividade desses alunos secundaristas com o recorte no processo desse movimento coletivo. Não quer dizer que tenhamos abandonado por completo o método cartográfico, uma vez que precisamos "desfiar" as linhas do dispositivo-ocupação, utilizando os conceitos de Deleuze e Guattari. Esses conceitos levam em consideração as forças que estabelecem o dispositivo e aquilo que enunciam e dão a ver.

Aplicaremos o campo conceitual descrito no Capítulo 1 e as possibilidades da produção de linhas de fuga que emergiram desse movimento, sempre à luz das possibilidades que as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação permitiram reagir no núcleo desta subjetividade, quer seja por meio das suas memórias e registros, da sua inteligência, seja nos afetos e no inconsciente.

3.1 **Subjetividade pós-mídia: o prosumidor**

Sabemos que a subjetividade pós-mídia implica uma atitude pró-ativa, em que o usuário produz e consome seu próprio material, os fluxos de comunicação não são mais dirigidos do alto para um público passivo, mas funciona como uma malha cerrada de trocas rizomáticas entre emissores no mesmo plano horizontal e multidirecional.

Neste processo de comunicação em rede, fica evidente a produção de uma subjetividade pós-mídia, que possibilita a auto-organização do trabalho cognitivo e a busca por linhas de fuga ao sistema de poder constituído sob formas diversas, sejam públicas ou privadas, conforme afirma Guattari.

Serres (2013, p. 31) chama os jovens que integram a multidão esperta de Polegarzinha/o: "o jovem/criança conectado que escreve em seu teclado de celular com seus polegares, navega pelo ciberespaço com mobilidade e agilidade". Ele

sabe carregar sistemas operacionais e aplicativos que processam, acessam, registram, comunicam e compartilham este saber:

> O compartilhamento proporcionou a conexão dos fluxos de ideias em multiplicidades que caracterizam a nossa sociedade; o individualismo, a exigência das pessoas e a mobilidade das paisagens agora se cruzam. Ele simetriza o ensino, os cuidados, o trabalho; a escuta acompanha o discurso; o reviramento do velho iceberg facilita a circulação nas duas vias de entendimento. O coletivo, cuja característica virtual se escondia, arisco, sob a morte monumental, cede vez ao conectivo, realmente virtual (SERRES, 2013, p. 80).

Talvez, por isso, todas as tentativas de se partir de uma proposta vinda de cima para baixo, ou seja, a partir de uma proposta do governo, da direção da escola, e até mesmo do professor ou pesquisador, não obtinham um resultado e a participação dos alunos.

Foram realizadas palestras sobre técnicas audiovisuais com exemplos de enquadramento, perspectiva, luz, contraluz e o olhar do fotógrafo, as quais tinham o objetivo de fazer com que os jovens se apropriassem da linguagem do audiovisual, aplicando-a em seus trabalhos de forma criativa. Esses foram alguns exemplos de práticas aplicadas para as atividades de Geografia e que não obtiveram sucesso, mas de certa forma foram utilizadas durante a ocupação. Os conteúdos ensinados durante a pesquisa renderam um rico trabalho imaterial durante a ocupação. Tudo aquilo que foi vivenciado nas palestras e oficinas teve uma grande aplicabilidade, mas com outro propósito que gerou uma ressignificação em prol do movimento que emergiu de baixo pra cima, com uma apropriação subjetiva inédita.

A necessidade de autonomia do prosumidor também ficou evidente durante a dificuldade de obter um “engajamento” para a criação da plataforma Dito Popular. Uma atividade considerada extracurricular requer uma forma de retorno aos participantes, e esta atividade não propunha nenhum retorno ou benefício na avaliação institucional dos alunos. Os alunos não enxergavam como isso poderia contribuir com o uso das novas tecnologias para a aprendizagem. Definitivamente, não partia de uma demanda deles que realmente os representariam como alunos. Também não obteve adesão e, por mais que apresentássemos as possibilidades e os recursos da plataforma, havia ali certo desinteresse e desestímulo. Percebemos claramente que, quando partia de uma obrigação de cima para baixo, a resistência aumentava.

Apesar de as propostas recognitivas serem interessantes, os alunos estavam desterritorializados da sala de aula, o hiato estava evidente entre o que era proposto no território da sala de aula e a desterritorialização dos alunos com os seus dispositivos digitais. A distância entre a proposta e a prática era aparente, e não havia conexão com esta geração Polegarzinha (SERRES, 2013) que demandava por uma nova forma de aprendizagem e que partia da sua real necessidade. Uma nova forma que viria de baixo pra cima.

Como apontam Passos, Kastrup e Escossia (2009), sempre que acompanhamos processos é preciso estar aberto ao *devir*. Isto é: à potência de transformação de contextos a partir dos acontecimentos intempestivos. Os motivos mais diversos como a falta de estrutura, apontavam para a precariedade da educação pública. A crise da educação estava em seu ápice, a greve dos professores acontecendo, e já desenhando um contexto para que a ocupação emergisse como uma forma de produção de um novo território existencial.

A subjetividade estava sendo produzida por uma composição maquínica de componentes semiológicos manifestados por meio das redes sociais, por dispositivos móveis, pelos professores, pela família, pela comunidade e pelo papel deficiente do Estado. Principalmente as redes sociais e o dispositivo móvel, podemos chamar de máquinas tecnológicas da comunicação, foram agentes catalisadores dos afetos que reagiram no núcleo da subjetividade destes alunos. Estávamos diante de um tempo e espaço com suas relações, imagens, enunciados e elementos heterogêneos, em um emaranhado de linhas, que resultou na ocupação como um dispositivo da produção de subjetividade.

3.1.1 As forças de controle

Mesmo com o poder do tráfico no morro e a presença ostensiva da polícia, o samba da Pedra do Sal ainda é um grande ponto turístico e criativo. Ainda assim, as forças da repressão tentam retificar o que sai da norma. A UPP localizada no morro demonstra a naturalização da violência pelo Estado e a incapacidade deste de resolver problemas de ordem educacional.

Outra forma de controle está o fato do Estado em transferir a Escola CAIC Tiradentes do Caju para o Morro da Providência. Uma decisão autoritária e imposta

pelo governo, pois se optou por utilizar o prédio do Caju para a instalação de outra UPP e superutilizar a estrutura deficitária do prédio da Escola Estadual Hugh Clarence Tucker com mais uma escola para compartilhar o espaço. Em relação às demandas apresentadas para a SEEDUC, muitas acabaram não sendo atendidas e com isso mostrou o baixo comprometimento do Estado com a educação houve vários cancelamentos de visitas e outras desculpas por não terem soluções plausíveis aos problemas das escolas.

As forças institucionais da escola fizeram com que tivéssemos dificuldades para realizar as palestras. Foi preciso convencer a coordenadora a realizar no espaço da biblioteca onde poderíamos usar o projetore um computador de melhor configuração para a apresentação de imagens e vídeos. Sentimos essas forças repressivas e a dificuldade de organizar uma atividade, toda vez que esta envolvia algum tipo de uso das tecnologias de informação e comunicação e quando permitisse o acesso dos alunos a esta estrutura.

A escola, divulgada como bem aparelhada, não possuía uma sala de informática em funcionamento para os alunos, a rede *wi-fi* que seria instalada pela *Oi* não aconteceu. A tecnologia, que seria nossa aliada deixou a desejar. Os computadores estavam ociosos e se tornando obsoletos, os *laptops* não atendiam com a sua configuração de baixa capacidade de processamento e difícil acesso pelos alunos. A caixa d'água era insuficiente para atender as duas escolas e ainda assim era compartilhada com uma creche, as salas de aula sem preparações acústica e de climatização adequadas. Os professores estavam em greve, e o cronograma letivo sofria atrasos constantes, comprometendo os alunos na preparação para o vestibular. Toda essa situação se configurou como uma força repressiva, e com isto eclodiu em uma reação e resistência por parte dos alunos.

3.2 **Quebrar as palavras das narrativas**

Nas redes sociais, a comissão de comunicação da ocupação postava alguns fatos sobre o movimento e as negociações com a SEEDUC. Nos *posts* sobre as atividades dos alunos, falava-se sempre sobre o trabalho coletivo, a resistência, a vontade de uma escola com decisões democráticas e participativas e a melhoria do ensino público. O mutirão convocava as pessoas sem impor uma ordem, mas na

própria boa vontade, sem distinção de gênero para realizar tarefas triviais como limpeza do espaço, o preparo da comida, a segurança da escola.

Podemos ver por trás dessas narrativas da sociedade onde predomina o individualismo, a meritocracia, o fato de você conseguir as coisas somente com seu próprio esforço e não por meio de uma construção coletiva. Nos novos enunciados, percebemos que o coletivo prevalece sobre o individual, que a necessidade de compartilhar as habilidades individuais para um objetivo comum faz com que todos sejam beneficiados.

Nos *posts* sobre as negociações com a SEEDUC, o discurso apresentado era sobre o descaso com a educação, o trato da educação pública como favor e não como um direito. A falta de verba para construção de uma nova escola, onde as duas escolas CAIC/Reverendo pudessem ter seus próprios espaços. As respostas das negociações pela SEEDUC sempre vinham de forma paliativa, que fariam “reparos” com uma “pequena verba” disponibilizada. O enunciado estava claro que o governo não cumpriu com sua função enquanto responsável por uma educação para todos, por que existe uma vontade de deixar os desprovidos na ignorância e a educação neste Estado, não é uma prioridade.

3.3 **O que a ocupação nos mostra**

Precisamos entender o que se torna visível em uma pesquisa, que regimes de luz estão aparecendo a nós. As linhas de visibilidade fazem com que enxerguemos as ações, os desejos e a complexidade de agenciamentos multirrelacionais.

Na atividade sobre a coleta de depoimentos de moradores, estávamos em um condomínio padrão antigo da Gamboa. Uma senhora de mais de 90 anos antiga moradora nos recebeu e nos contou sobre a vida na região da Gamboa e Providência, seu cotidiano e vivências – ver entrevista com Dona Idea, item 2.1.2.1. Da sua sacada, avistávamos o Porto e toda a relação que o bairro tinha com as atividades portuárias.

Figura 2. Sacada do Condomínio na Gamboa

Fonte: O autor, 2015

Na entrevista que fizemos com ela, alguns detalhes percebidos, como o uso da camiseta do Senai pela aluna em vez da camiseta da Escola Estadual, que nos mostra a percepção do jovem em relação ao mercado de trabalho, a importância do aperfeiçoamento técnico e da educação profissional.

Figura 3. Dona Idea e estudante do Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker

Fonte: O autor, 2015

Figura 4. Prof. Fernando Torres e aluna do Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker

Fonte: O autor, 2015

Durante a oficina de fotocelular, os alunos apresentaram algumas fotos que capturaram com a câmera de seus celulares; fotos da orla da Zona Sul carioca, *selfies* e saguões internos de *shopping centers*. Uma surpresa foi não haver fotos do bairro, da casa deles e dos amigos. Isso pode levantar algumas questões sobre a subjetividade de uma cultura do consumo e a massificação de uma imagem do Rio Zona Sul como objeto de admiração, mas estava visível também a subjetividade de favelado envergonhada que enxerga o belo, aquilo que é massificado pela mídia hegemônica, pelas novelas, pela propaganda, pelas imagens clichês de um Rio de Janeiro Zona Sul, e não apresenta nada que remeta a sua origem e seu bairro, omitindo imagens do seu cotidiano.

Figura 5. Oficina de foto celular (continua)

(a) Alunos na biblioteca

(b) Alunos utilizam seus dispositivos

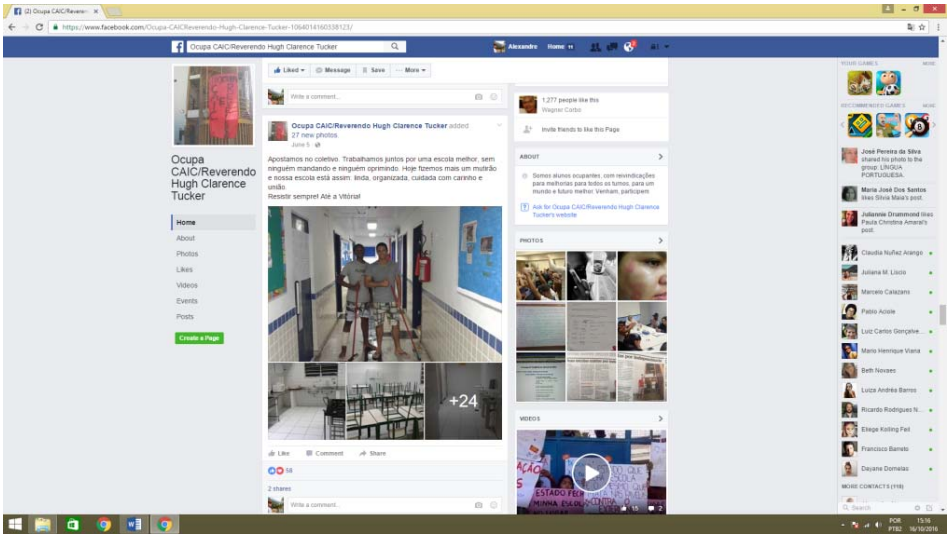
Figura 5. Oficina de foto celular (continuação)

(c) Alunos mostram seus trabalhos

Fonte: Fernando Torres, 2015

Por outro lado, durante a ocupação da escola, as imagens que postavam no Facebooktornavam visíveis a cooperação que surgia na ocupação, a cumplicidade, o cuidado e o pertencimento a um território, as tarefas realizadas por todos sem distinção de gênero, sem distinção do que seria uma tarefa das meninas e dos meninos. A produção de uma subjetividade inédita, aprendendo com os mais experientes, com mais idade, porém não mais velhos de espírito. Atentos e territorializados em rodas de conversas, buscavam compreender mais sobre a cultura em oficinas, palestras sobre a causa indígena, racismo, feminismo, musicalidade e lutas sociais.

Figura 6. *Post* sobre o mutirão de limpeza na escola CAIC/Reverendo



Fonte: Foto postada na *fanpage* da ocupação CAIC/Reverendo, 2016

Figura 7. *Post da foto* com os alunos da ocupação e professores do curso pré-vestibular em frente à escola

Fonte: Foto postada na *fanpage* da ocupação CAIC/Reverendo, 2016

Figura 8. Alunos do CAIC/Reverendo em oficina com professores

Fonte: Foto postada na *fanpage* da ocupação CAIC/Reverendo, 2016

Alguns problemas que os alunos tiveram que enfrentar foram importantes para a força do movimento. O fato de esses alunos terem de manter a rede elétrica e de água em pleno funcionamento foi um problema que gerou e soluções cabíveis para a manutenção da própria resistência e ocupação. Na ocasião, os alunos até mencionaram um corte de luz proposital para enfraquecer o movimento e desocuparem o prédio, pois havia suspeitas que isso estivesse acontecendo em outras escolas ocupadas. Um dos alunos, o Mateus (ver entrevista no item 2.6.1), entendia bem sobre a parte elétrica e momentaneamente foi lá e religou o disjuntor, mas a luz voltou sozinha um pouco mais tarde. Como solução eles estabeleceram horários de banho e restringiram o uso dos espaços para não sobrecarregar a rede elétrica.

Após duas semanas de ocupação da CAIC/Reverendo, eles tomaram a decisão de protestar e na sequência ocupar o prédio da SEEDUC, eles foram à frente do prédio e levaram as cadeiras das salas de aula para impedir a circulação do trânsito, colocaram faixas sobre as faixas de passagens dos pedestres. Era visível que o significado disso era a “educação pede passagem” em frente ao prédio público.

As cadeiras estavam postadas em fila atravessando a rua em direção ao prédio, o punho levantado e cerrado para o alto era um elemento comum em todas as fotos e demonstravam a união e a resistência por uma melhor educação que estava sucateada, e pedindo mais atenção pelo Estado. A imagem de uma mão cerrada ao alto demonstra mais força humana e menos força repressiva; não demonstra rendição e sim resistência e luta.

O papel atuante das meninas não demonstra força física, mas a força da igualdade de direitos, a emancipação dos gêneros, a uma educação liberta dos preconceitos e passividade. A cadeira fora da sala, como se a aula não acontecesse somente entre quatro paredes, mas querendo se expandir a outros territórios. Os cartazes com os dizeres da “minha escola”, afirma que a escola pertence aos alunos e não os alunos pertencem à escola.

A inversão de papel do Estado que em vez de abrir mais espaços para a educação, simplesmente fecha e ainda piora com a situação instalando UPPs, o que demonstra claramente a disputa entre os setores de Educação e Segurança Pública, e não a complementação entre eles.

Os “sinais de soma e subtração” mostram a falha de prioridades e sugerem uma nova equação para o Estado. A eclosão de um movimento que “Acordou” e tenta abrir os olhos daqueles que não querem enxergar onde está o erro. A *hashtag* que expande a luta da rua para as redes, contra o extermínio de vidas humanas e a Humanas na educação.

Os cartazes cobrem os rostos dos alunos como proteção a sua identidade, mas não somente isto, pois o que importa é o que está dito. Não são palavras de ordem, mas de protesto.

As faixas de cores vermelha e com pichação em *spray* preto, com bandeiras pretas sobrepostas, remetem a uma força anárquica, horizontal, não hierárquica e

apartidária. Não estão protestando contra o partido de um governo, estão protestando contra o Estado e sua política pública.

Um movimento apartidário que não se opõe aos movimentos estudantis mais antigos e nem aos partidos, mas desejam ser únicos, inéditos e sem alianças com entidades tradicionais.

Figura 9. Alunos ocupam a rua na frente da SEEDUC, antes de invadirem o prédio público

(a)

(b)

(c)

Fonte: Fotos postadas na página da Ocupa CAIC/Reverendo, 2016

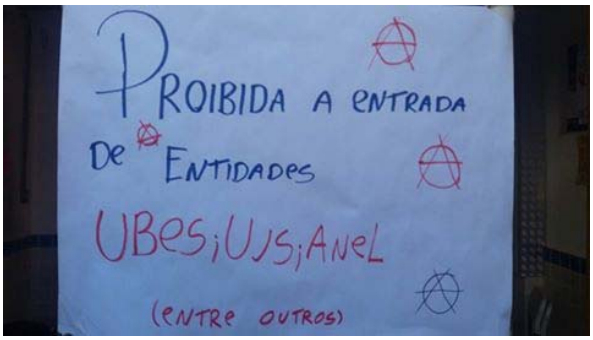
Figura 10. Alunos organizam protesto na SEEDUC (continua)

(a)

Figura 10. Alunos organizam protesto na SEEDUC (continuação)

(b)

(c)



Fonte: Fotos postadas na *fanpage* Ocupa CAIC/Reverendo, 2016

3.3.1 Linhas de subjetivação

Toda essa experiência de aprendizagem que os alunos vivenciaram, desde as primeiras tentativas das práticas que não obtiveram sucessos, surgidas durante a ocupação, fez com que surgisse um composto de singularidades. Os alunos possuíam diferenças, mas cada um contribuía com sua experiência, eles produziam um trabalho imaterial que só no contexto da ocupação era possível ser aplicado, havia ali uma transformação da carne produtiva da multidão (HARDT; NEGRI, 2004).

Percebemos também que, durante as palestras, eles mandavam mensagens pelo WhatsApp, este aplicativo é o mais usado por esses jovens pois tem os pacotes pré-pagos de telefonia que disponibilizam esse serviço gratuitamente. Quando perguntávamos sobre seus *e-mails*, eles disseram que não os acessam diariamente e que era melhor que mandassem uma mensagem pelo “zap zap”.

Isso mostra claramente a habilidade desta geração Polegarzinha de se comunicar instantaneamente com seus dispositivos móveis, por meio de mensagens curtas e com uso de caracteres e *emoticons*. Uma forte característica desta subjetividade pós-mídia é a ubiquidade, a possibilidade de estar em vários lugares

ao mesmo tempo, quer seja na sala de aula ou na rede, ocorrendo a desterritorialização e territorialização simultaneamente.

Durante a ocupação, as várias oficinas, palestras e *workshops* produziram uma nova experiência de convivência coletiva de compartilhamento de um novo território, autônomo e horizontal. A visita de professores e palestrantes e a realização de oficinas mostraram o quanto é importante a conversa com os mais velhos, e que eles não renegam os professores, mas desejam outro tipo de aula e de conhecimento, mais voltado para a prática e em sintonia com a vida real. O compartilhamento de vivências extracurriculares com pessoas mais experientes e que ampliam a visão de mundo. Um dos efeitos de todo esse processo de subjetivação foi que alunos saíram de lá com novas informações e maior consciência política para exigir uma educação de qualidade. A ocupação foi o território para a subjetivação de uma nova maneira de pensar, agir e sentir destes jovens estudantes secundaristas.

3.3.2 Linhas de fuga

As atividades que fizemos com os alunos tiveram vários obstáculos para serem contornados. Um exemplo foi o dia da palestra sobre linguagem fotográfica que coincidiu com a visita da consulesa americana, que estava lá para divulgar uma parceria da escola com uma instituição de ensino do idioma inglês. Nesse dia, a prioridade do uso do *datashow* foi para a palestra dela. Mesmo assim, o inspetor Pedro Oliveira conseguiu preparar uma máquina da biblioteca e um monitor maior para a visualização das imagens. Com isso, pudemos apresentar o conteúdo abordado.

A internet *wi-fi* da escola era restrita ao uso administrativo e não podia ser acessada pelos alunos, mas mesmo assim boa parte dos alunos utilizava os seus celulares com pacotes de dados para acessarem conteúdos e se comunicarem durante as aulas e palestras, parte dos alunos estava atenta, mas muitos deles consultavam e digitavam em seus celulares comprovando, mais uma vez a subjetividade pós-mídia desses jovens.

Alguns problemas que os alunos tiveram que enfrentar foram importantes para a força do movimento. O fato de estes alunos terem que manter a rede elétrica

e de água em pleno funcionamento, foi um problema que gerou e soluções cabíveis para a manutenção da própria resistência e ocupação. Na ocasião, os alunos até mencionaram um corte de luz proposital para enfraquecer o movimento e desocuparem o prédio, pois havia suspeitas de que isso estava acontecendo em outras escolas ocupadas. Um dos alunos, o Mateus, entendia bem sobre a parte elétrica e momentaneamente foi lá e religou o disjuntor, mas a luz voltou sozinha um pouco mais tarde. Como solução eles estabeleceram horários de banho e restringiram o uso dos espaços para não sobrecarregar a rede elétrica.

3.4 **A ocupação como uma subjetividade pós-mídia**

Cada aluno participava da sua maneira, e contribuía com as suas habilidades e competências a cada dificuldade que surgia. A solução de problemas era discutida nas assembleias e decididas como seriam resolvidas. A ocupação se aprimorava a cada dia, com as práticas que funcionavam bem até serem incorporadas como rotinas necessárias para o bom andamento da ocupação.

Para isso, o papel das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas foi fundamental para o funcionamento da ocupação, principalmente o Facebook e o WhatsApp. Tecnologias colaborativas que a partir da rede foram capazes de produzir uma nova cultura mais libertária, horizontal e rizomática, em que estes jovens utilizavam como linhas de fuga e encontravam a autonomia de comunicação para contribuir com a emergência e consolidação do movimento de ocupação das escolas.

Uma nova subjetividade emergia, como um levante autônomo da voz coletiva dos secundaristas sedentos por uma nova educação adequada ao século XXI.

Figura 11. Marca Plataforma Dito Popular

Fonte: Antonio Xavier e o autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma pesquisa prático-teórica de mestrado, é necessário avaliar os riscos antes de pensar em uma aprendizagem inventiva que envolva uma instituição pública de ensino; o simples fato de querer introduzir uma nova atividade em um ambiente desconhecido é na maioria das vezes inócua.

A dificuldade de se obter autorização pelas instituições governamentais, os trâmites burocráticos morosos, a abordagem a esse público, a resistência dos alunos e principalmente a forma de estímulo proposto são fatores a serem considerados e minimizados por um bom planejamento de pesquisa. Saber se aproximar de possíveis “informantes” e parceiros estratégicos para se obter um bom “pouso” para aplicar o método da cartografia, é fundamental para o pesquisador.

Desde o início, quando o objeto de pesquisa se apresenta e toma forma para o pesquisador, até a condução dos processos, é importante avaliar o que está dando certo ou não. Estar preparado para o “devir” em um momento intempestivo da nossa política educacional foi fundamental para poder reavaliar a nossa pesquisa e redirecionar o acompanhamento dos processos com o intuito de manter o mesmo objetivo de analisar a produção de subjetividade em outro contexto ambiental.

Esta pesquisa demonstrou que práticas que vinham de “cima para baixo” não surtiam efeito, o engajamento e a adesão dos alunos eram muito baixos nas atividades extras apresentadas pelo professor ou pesquisador/mestrando. Os alunos estavam desterritorializados da sala de aula e territorializados em seus dispositivos móveis. O uso do celular superava outros meios de acesso à rede e à informação de modo geral. Por outro lado, percebia-se claramente que a habilidade no uso de celulares seria um importante fator a ser analisado pelo projeto de pesquisa, uma vez que na escola não tinha tantos recursos tecnológicos disponíveis para os estudantes.

Essa escola tinha todo o aparato tecnológico para aulas de informática paralisado, o que tinha não era disponibilizado aos alunos, as máquinas estavam ociosas e a única máquina de configuração mínima e internet reduzida ficava na biblioteca. Isso demonstrava o hiato em que esses alunos se encontravam, abaixo das expectativas em relação ao domínio de habilidades básicas da informática, como uso de *softwares* de edição de texto e imagem. Muitas vezes, os alunos

revezavam o uso deste computador da biblioteca para elaborar e imprimir trabalhos. Não era culpa da Coordenação, mas a falta de apoio da Secretaria de Educação que impedia os trâmites dos contratos com as operadoras de redes. O uso de *e-mails* pelos alunos era muito precário, o tempo de resposta para alguma mensagem enviada era demorado, as mensagens instantâneas prevaleciam em vez do uso de *e-mails*.

Durante a apresentação da plataforma Dito Popular, era necessária a adesão do aluno por um convite enviado por *e-mail*. Foram enviados 23 *e-mails* para os alunos, e tivemos a adesão de apenas três alunos, que mesmo assim não se tornaram participantes ativos da plataforma. O *feedback* de resposta muitas vezes não acontecia. O uso dos dispositivos móveis estava muito mais naturalizado por esta geração “Polegarzinha” (SERRES, 2013).

A crise que se agravou no País durante o ano de 2015 fez com que a educação pública fosse muito atingida pelos governos estaduais. As greves dos professores em alguns estados, o remanejamento de alunos do ensino médio imposto pelo Governo Estadual de São Paulo, o escândalo da merenda, e no Rio de Janeiro especificamente os desvios de verba e as isenções fiscais por conta das Olimpíadas fizeram com que surgisse um ambiente de descontentamento da categoria profissional da educação.

A ocupação das escolas no Rio foi um “grito de alerta” para o sucateamento da educação, gerado pela insatisfação dos alunos secundaristas com a falta dos professores em diversas disciplinas e as condições precárias que o Estado fornecia para os prédios escolares, o tipo de ensino, os instrumentos pedagógicos. Enfim, nas diversas falas e reivindicações, foi possível notar uma insatisfação geral dos alunos com o projeto de educação pública proposto e posto em prática pelo poder público.

Chama atenção, ainda, o fato de os alunos estarem lutando para melhorar a sua escola, e não por rejeitá-la. As demandas variavam, desde a eleição direta para a direção da escola até o fim do currículo mínimo. A falta de infraestrutura para o funcionamento das duas escolas (CAIC/Reverendo) em um espaço compartilhado, junto com a paralisação dos professores, proporcionou um agenciamento coletivo no qual a ocupação foi a resposta política que fez surgir esse *devir* revolucionário pós-mídia.

A produção da subjetividade emergia de “baixo pra cima”, nas ocupações, nas redes e na forma de fazer política. Foi possível, com a pesquisa, perceber indícios de uma subjetividade forjada, sobretudo, nas relações das conexões e da autonomia, na invenção do problema que foi a própria ocupação e em uma aprendizagem inventiva e espontânea, que se deu desde a organização de palestras, oficinas, assembleias, comissões, como também dos afazeres e manutenção do espaço e convívio humano.

Ganhavam experiência em cada tarefa realizada, decidiam mutuamente como gerir a ocupação e negociar com a Secretaria de Educação. Eles estavam aprendendo a reinventar uma nova democracia, com as curvas de aprendizagem a cada assembleia realizada. As assembleias que discutiam temas referentes a racismo, feminismo, a causa indígena e o hip hop foram abordados, para depois serem incorporados em oficinas e palestras. O fato de ter uma autogestão contribuiu para a autonomia emancipatória dos alunos engajados e em pleno exercício da aprendizagem como recognição. Eles estavam produzindo uma subjetividade coletiva, via-se claramente a constituição do sujeito.

Foi um processo de conexão entre os alunos estabelecendo redes, mantendo o fluxo de energia. Conforme Deleuze e Guattari (1995), uma multiplicidade de grupos autônomos rizomaticamente conectados, tais como os alunos das duas instituições, os professores grevistas, os pais dos alunos, os professores ativistas do curso de pré-vestibular, configurando uma convergência de diferentes redes, construindo uma comunidade em movimento que partilha uma agenda comum de reivindicações e ações e experimenta em sua própria construção modos democráticos de produção e tomada de decisão.

Esse agenciamento coletivo foi amalgamado pela utilização das tecnologias digitais de comunicação. Por serem menos custosas, essas tecnologias, tais como aplicativos de mensagens e redes sociais, foram plenamente utilizados pelos alunos ocupantes e professores ativistas. Serres (2013) afirma que nessa geração Polegarzinha, o corpo coletivo é construído pelo conectivo. A nova geração de secundaristas do século XXI está naturalizada com essas tecnologias de comunicação em que a horizontalidade se faz presente. Os recursos do WhatsApp, por exemplo, dão a possibilidade a qualquer um de opinar, criar grupos e subgrupos, adicionar outros participantes e tomar decisões coletivas internas, reagir rapidamente a qualquer ameaça externa. A desterritorialização está a um toque de

dedo, e a reterritorialização se faz na rede, e é neste processo que a subjetividade pós-mídia emerge da rede.

A produção de subjetividade na ocupação foi algo inédito para a compreensão dos modos de pensar e agir dos estudantes secundaristas do século XXI.

Esta pesquisa fez com que despontássemos em uma nova maneira de pensar em aplicar práticas educacionais que considerassem o uso de novas TICs e dispositivos móveis como recursos pedagógicos, e que nós educadores avaliássemos com mais atenção as demandas advindas dessa nova geração de alunos.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. *WEB 2.0*: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BOAL, Augusto. *Hamlet e o filho do padeiro*: memórias imaginadas. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DINIZ, André. *Morro da favela*. São Paulo: Leya, 2011.

COLETIVO DESENTORPECENDO A RAZÃO. Aluno falando sobre a ocupação das escolas em São Paulo. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/ColetivoDAR/videos/1002503499812829/?pnref=story>. Acesso em: dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GOMES, M. F. C. M.; FERNANDES, L. L. (Orgs.). *O Morro da Providência e a Pedra Lisa na reestruturação da Zona Portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão*: guerra e democracia na era do império.2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HARVEY, David.*Rebels on the street*: the party of wall street meets its nemesis. Publicado originalmente no *blog* do Verso Books. 2011. Disponível em: <www.versobooks.com/blogs/777>. Acesso em: 28 out. 2011.

_____. *Condição pós-moderna*. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____ et al. *Occupy*: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Carta Maior, 2012.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo: Aleph, 2009.

KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo*: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KELIAN, Lilian; NERES, Julio. O que as ocupações dizem sobre a escola (e o mundo) que os jovens querem. *Huffington Post*, 23 maio 2016. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/cenpec/o-que-as-ocupacoes-dizem-sobre-a-escola-e-o-mundo-que-os-joven_a_21701239>. Acesso em: 06 set. 2016.

KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*: investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.

LAPAGESSE, Gabriela. Escola na Ilha do Governador é ocupada por manifestantes. *O Globo on-line*. 21 mar. 2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/escola-na-ilha-do-governador-ocupada-por-manifestantes-18929687>. Acesso em: 22 mar. 2016.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial*: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*: por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O que é virtual*? São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OCUPA CAIC/REVERENDO HUGH CLARENCE TUCKER. *Não queremos uma cidade onde o dinheiro e as empresas submetem as pessoas*.2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/Ocupa-CAICReverendo-Hugh-Clarence-Tucker-1064014160338123>. Acesso em: jul. 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PORTAL G1. *Alunos de escolas ocupadas protestam no Rio.* 04 maio 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/alunos-de-escolas-ocupadas-protestam-no-rio.html>. Acesso em: 06 set. 2016.

_____.*Estudantes voltam a protestar contra plano de reorganizar o ensino em SP*. 02 dez. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/estudantes-voltam-protestar-contra-plano-de-reorganizar-o-ensino-em-sp.html>. Acesso em: 01 ago. 2016.

PORTAL G1. *Estudantes ocupam escola na Zona Leste de São Paulo*. 12 nov. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/11/estudantes-ocupam-escola-na-zona-leste-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 02 ago. 2016.

PEDROSA, Silvio. O antivírus político. As ocupações das escolas e o protagonismo das juventudes e a potência dos pobres. *IHU on-line,* Revista do Instituto Unisinos*,* 30 maio 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/555625-o-antivirus-politico-as-ocupacoes-das-escolas-e-o-protagonismo-das-juventudes-e-a-potencia-dos-pobres-entrevista-especial-com-silvio-pedrosa>. Acesso em: set. 2016.

RHEINGOLD, H. *Smartmobs*: the next social revolution. Cambrige, MA: Basic Books, 2002.

RIO MAIS SOCIAL – Informações históricas sobre o Morra do Providência – Disponível em: <http://www.riomaissocial.org/territorios/providencia>. Acesso em: dez. 2015.

SÁ REGO, A. V. B. Experimentando teorias e práticas inventivas na aprendizagem da produção audiovisual. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In:CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015.*Anais*... Rio de Janeiro, 4 a 7 set. 2015.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

THE MATRIX. WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly; SILVER, Joel. Produção de Joel Silver, direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Estados Unidos e Austrália, 1999. 136min. color. son. In:CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015.*Anais*... Rio de Janeiro,4 a 7 set. 2015.

TOFFLER, A. *A terceira onda*. Tradução de João Távora. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VAINER, Carlos et al. *Cidades rebeldes*: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Carta Maior, 2013.